

MEMORANDOS – GRUPO PTSD

MEMORANDO DA CATEGORIA SOBREVIVER A PRIVAÇÕES – GRUPO PTSD

19 de Novembro de 2008

As recordações de privações vividas (i.e. fome, privações alimentares, privações de roupa; más condições habitacionais), dificuldades de saúde e dificuldades escolares. foram conceptualizadas como sendo **o tipo de adversidades** e definidas como uma propriedade do conceito Adversidades. Outras propriedades deste conceito eram o impacto comportamental e emocional. O impacto emocional referia-se à atitude de aceitar e considerar como normais as privações vividas. O impacto comportamental estava ligado à avaliação que os sujeitos faziam sobre as mudanças ocorridas no seu comportamento em consequência do confronto com as privações. Essas mudanças passavam por se considerarem a si próprios como "guerreiros"; pessoas "fortes" que se viram obrigadas a "enfrentar a vida". Outras mudanças de comportamento apontadas pelos sujeitos referiam-se à aprendizagem de valores morais (i.e. a solidariedade e a entreatajuda)".

9 de Dezembro de 2009

Após a reunião de discussão de resultados com a nossa Supervisora e posterior questionamento dos dados decidimos denominar a categoria experiências de infância e juventude por **Adversidades Materiais** por termos considerado que o tema emergente das entrevistas se relacionava com a vivência de condições de vida de grande precariedade (i.e. fome, privações alimentares, privações de roupa; más condições habitacionais) com as quais os sujeitos lidavam através da sua participação precoce no trabalho tanto doméstico como remunerado. Definimos as adversidades materiais como a percepção dos sujeitos sobre terem sido expostos a carências materiais próprias e dos outros e considerámos que o conceito trabalho infantil era uma propriedade dessas **Adversidades Materiais** dado ser uma consequência das mesmas. Os sujeitos iniciavam-se nas actividades laborais como forma de a família suprimir ou atenuar as adversidades materiais que viviam.

Relativamente às experiências positivas que antes eram uma propriedade da categoria Experiências de Infância e Juventude, procurámos questionar os dados no sentido de verificar se tais experiências poderiam ou não estar a ocultar um tema ligado à experiência de haver sido cuidado na Infância e Juventude, tal como já havia emergido nas entrevistas do grupo de sujeitos assintomáticos. Por essa razão isolamos o conceito experiências positivas e trabalhamos os dados de acordo com a hipótese das Adversidades Materiais.

16 de Janeiro de 2009

A discussão dos nossos diagramas relativos à categoria Adversidades Materiais levou-nos a especificar e a clarificar tais adversidades como sendo equivalentes a situações de Pobreza e mantivemos o conceito Experiências Positivas à parte.

De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa, Pobreza define-se como - qualidade ou estado de uma pessoa com falta de meios materiais; necessidades; escassez; mediocridade; pouca abundância ou miséria extrema. Esta definição pareceu-nos em concordância com o conteúdo e gravidade das necessidades que foram apontadas neste grupo de sujeitos.

Decidimos então renomear esta categoria como **Experiências de Pobreza**

As experiências de Pobreza tinham como propriedades a Pobreza vivida pelos próprios e a pobreza observada noutros.

A Pobreza vivida pelos próprios era um conceito dimensional em que num extremo encontrámos as privações materiais vividas e no outro extremo a ausência de privações materiais.

O conceito de privações materiais vividas tinha como causa a proveniência de uma família numerosa; tinha como duração o período correspondente do nascimento até à idade de 12 anos (i.e. facilmente se infere a partir dos dados que esse é o período em que as crianças estão sem desempenhar qualquer trabalho remunerado. Finda a escolaridade obrigatória, os sujeitos referem dar início a uma actividade profissional, muitas vezes na condição de aprendizes vindo então a receber um salário). As consequências destas experiências de pobreza estavam ligadas a situações de recepção de caridade, ajuda, por parte de familiares da família alargada, por parte dos irmãos mais velhos (i.e. daqueles que já trabalhavam remuneradamente), por parte dos vizinhos e das instituições nomeadamente - a Igreja (i.e. era habitual que os padres ajudassem na obtenção de emprego para as crianças).

A pobreza observada nos outros consistia na constatação de que as outras crianças e famílias eram alvo do mesmo tipo de privações que os próprios (i.e. as privações supra mencionadas).

As experiências de Pobreza apresentam-se associadas aos conceitos percepção da infância como sobrevivência e percepção de si como lutador.

A percepção da infância como um período de sobrevivência está ligada às verbalizações dos sujeitos sobre a capacidade encontrada para ultrapassarem as carências materiais de que foram alvo e de haverem feito uma passagem para a vida adulta como indivíduos que ultrapassaram obstáculos à manutenção da vida nos seus aspectos biológicos, vitais (i.e. não terem sucumbido à fome, frio, cansaço).

O conceito de si enquanto lutador está associado à avaliação que os sujeitos fazem das suas próprias capacidades para, face a situações de intensa carência, conseguirem accionar estratégias de "luta" ou confronto com as mesmas.

Os conceitos de percepção da infância como sobrevivência e de si como lutador pareceram-nos associados com uma resposta emocional de aceitação das experiências de pobreza vividas. Emocionalmente os sujeitos parecem ter assimilado as experiências de pobreza como não ameaçadoras mas sim como situações que, ao serem recordadas lhes provocam reacções isentas de emocionalidade negativa.

Durante a reunião de Supervisão reflectimos sobre esta categoria, nomeadamente sobre a nossa hipótese de compreensão da construção de significado para a mesma por parte dos indivíduos e levantámos a hipótese de:

- Sofrer pobreza por si só poder ser aceite como uma experiência benigna se os sujeitos em comparação com o grupo se considerarem entre iguais ou seja, se à sua volta a situação de pobreza for comum. Neste caso, será que é ser-se pobre pelo efeito de "conformidade à norma", poderá potenciar um significado benigno para a experiência?

Surgiram outras questões nesta supervisão, nomeadamente se as experiências de Pobreza seriam uma categoria nuclear ou parte de um fenómeno mais abrangente?

Que pensar do facto de não se haver confirmado a hipótese do conceito Experiências positivas poder estar a ocultar o conceito de ter recebido cuidados na infância?

Se não deveríamos rever os dados questionando quais as outras experiências vividas pelos sujeitos (i.e. surgiu a necessidade de rever a primeira denominação que havíamos elaborado, experiências de Infância e Juventude) procurando respostas para as questões como:

- Que experiências viveram os nossos sujeitos durante a infância e juventude?
- Que qualidade tiveram essas experiências em termos emocionais e que significado lhes é conferido hoje?

26 de Janeiro de 2009

Percebemos que os dados não faziam emergir o fenómeno de haver recebido cuidados na infância. Retomámos a ideia segundo a qual as experiências positivas de infância eram parte de uma categoria mais lata do que as experiências de pobreza e denominamo-la como **Acontecimentos de Vida da Infância e Juventude**. Definimos os acontecimentos de vida como as descrições factuais do contexto económico, familiar e social pessoalmente vivido pelos sujeitos ou observado nos círculos sociais dos quais fazia parte.

A categoria Acontecimentos de Vida é apresentada duas propriedades opostas - Acontecimentos de Vida Negativos e Acontecimentos de Vida Positivos.

O conceito de acontecimentos de vida negativos define-se como os acontecimentos vividos ou observados noutros com potencialidade para despertar nos sujeitos emoções de carácter negativo ainda que em certos casos os próprios não as explicitem nos seus discursos. Este aspecto foi frequentemente inferido pelo investigador através dos aspectos relacionais das entrevistas. vividos pelo próprio e os observados nos outros.

Exposição a privações materiais dos outros refere-se às situações em que o sujeito se apercebe que existem outras crianças e famílias com carências iguais ou mais acentuadas que as suas. Nesta sub propriedade entram as privações alimentares percebidas nas crianças que iam para a escola sem comer, códigos como "não ter lanche", "uma sardinha para 3", as privações de calçado e vestuário em que os sujeitos mencionam o facto de muitas crianças irem para a escola descalças com os pés cheios de feridas e de chagas. São exemplos de códigos integrados nesta sub propriedade "iam descalços", "pés feridos", "pés com chagas". Há ainda a referência às privações de cuidados de higiene e a menção das crianças frequentarem a escola completamente sujas e de os professores terem que suportar o seu mau cheiro. Alguns dos códigos desta sub propriedade são "iam sujos", "Cheirar mal", "ensinar crianças muito sujas"

O tipo de privações materiais vividas, quando ocorreram as privações, causa das privações, consequência das privações e a generalidade das privações são sub propriedades do conceito privações materiais vividas.

O tipo de privações materiais consistia em carências alimentares que podiam ir da carência de alimentos específicos (i.e. carne, peixe), ter uma alimentação muito monótona (i.e. comer sopa com pão, não comer carne ou fruta) até às experiências de fome. Alguns códigos ligados às privações alimentares - "comer galinha era raro", "osso na sopa", "irmãos brigam pela comida". As privações de vestuário iam desde as situações em que os sujeitos andavam com vestuário roto, esfarrapado ou muito remendado até à situação de andarem descalços, alguns códigos ligados a esse aspecto são "andar descalço", "não ter sapatos", "roupa rota". Não ter dinheiro para estudar refere-se à consciência dos sujeitos dos entraves monetários ao prosseguimento da escolaridade após o ensino básico. Alguns códigos relacionados com esta vivência foram "não ter dinheiro para estudar", "estudar era caro". As privações também se relacionavam com a falta de transportes e com a necessidade de percorrer distâncias longas de casa à instituição de ensino a pé. Alguns dos códigos - "andar km a pé", "não ter meios de transporte".

Quando ocorrem as privações diz respeito às recordações dos sujeitos sobre o período temporal das mesmas sendo que estas duravam até aos termos da escolaridade básica (i.e 4.º ano). A generalidade das entrevistas mostrou-nos que após o 4.º ano as crianças iniciavam o trabalho remunerado o que, não eliminando as privações, atenuava-as de algum modo.

As causas apontadas para as privações foram o facto de se ser proveniente de uma família numerosa sendo os códigos relacionados "serem muitos irmãos", "éramos 5 filhos", "era mais um irmão".

As consequências das privações resultavam na atitude de se ser receptor da ajuda dos outros. A ajuda era alimentar e prestada por familiares e vizinhos. Os códigos como "entrajuda da família", "ofereciam pão". A ajuda era prestada entre as crianças na escola através da partilha do pão que levavam de lanche "trocar de lanche", "comer pão deles". A ajuda era prestada entre irmãos quando começavam a trabalhar e conseguiam providenciar roupas uns para os outros, códigos como "traziam roupa", "roupa dada por patrões". A ajuda era ainda prestada pela igreja na pessoa dos padres que através dos contactos que tinham iam arranjanado trabalho para as crianças após a escolaridade básica. Este tipo de consequência é muito instrumental e refere-se a apoios materiais.

Outra forma de consequência ou impacto relaciona-se com a aceitação ou resignação às privações vividas. Esta resignação parece estar associada ao facto dos sujeitos perceberem que havia uma generalização dessa situação.

Nota: Ver MacAdams e histórias de vida.

10 de Fevereiro de 2009

A morte de familiares referia-se, percebemos nós após revisão das citações, a situações em que os sujeitos ficavam órfãos de um dos progenitores, quase sempre o pai e que os levava, na maior parte das situações a viver situações ainda mais graves de privação.

Renomeámos o conceito - morte de familiares para - orfandade.

Percebemos igualmente que o conceito - ter privações moderadas - se referia a situações em que um dos progenitores exercia formas de gestão doméstica adequadas para diminuir a intensidade das privações e por essa razão denominámos o conceito de gestão doméstica e considerámos que o mesmo deveria ser integrado como estratégia para lidar com as privações.

Por tudo isto decidimos, uma vez mais (re) nomear a categoria por termos percebido, por comparação com os dados, que o fenómeno aqui em causa é a experiência - **sofrer privações**.

MEMORANDO DA CATEGORIA – SOFRER MAL-TRATO – GRUPO PTSD

19 de Novembro de 2008

Inicialmente considerámos que abuso físico era um conceito integrado na categoria Exposição traumática na infância e Juventude. Definimos abuso físico como a experiência de ser alvo de violência corporal por parte de adultos significativos. A reunião de supervisão e o questionamento dos dados fez-nos perceber que abuso estava conceptualmente ligado ao conceito de maltrato.

9 de Dezembro de 2008

Integrámos o conceito de abuso na categoria mais abstracta abuso. Recorremos à literatura para melhor perceber o grau de adequação da nossa definição de maltrato. Para Martínez Roig e De Paúl (1993, p. 23, cit por Azevedo e Maia, 2006) estamos perante maus-tratos sempre que existam

"(...) lesões físicas ou psicológicas não acidentais ocasionadas pelos responsáveis do desenvolvimento, que são consequências ou acções físicas, emocionais ou sexuais, de acção ou omissão e que ameaçam o desenvolvimento físico, psicológico e emocional considerado como normal para a criança"

Os dados mostraram-nos que as situações de abuso eram referentes a agressões físicas e psicológicas perpetradas pelos adultos significativos às crianças ou jovens. Ao questionarmos os dados verificámos a existência de condições contextuais do abuso e isso levou-nos a considerar a possibilidade de abuso poder tratar-se de uma categoria mais lata e não de um conceito.

16 de Janeiro de 2009

Trabalhámos com base na hipótese de estarmos perante uma categoria - o Abuso.

Abuso refere-se à experiência de ser alvo de agressões físicas e psicológicas de por parte dos adultos cuidadores. Considerámos que a categoria Abuso apresentava duas propriedades - abuso físico e abuso emocional.

Em reunião de supervisão questionámos a integração de codes como "exposição a mortes de familiares", "exposição ao sofrimento de outros", "exposição a alcoolismo do pai" e "exposição ao abuso da mãe" no conceito de abuso emocional.

Retomámos o questionamento dos dados e a leitura de literatura e percebemos que o abuso emocional, de acordo com De Paúl e Arruabarrena Madariaga (1996, cit por Azevedo e Maia, 2006) se refere a comportamentos de hostilidade na forma de insulto, crítica ou impedimento de tentativas de interacção afectuosa entre a criança e o cuidador. Decidimos que os códigos antes mencionados não estavam semanticamente relacionados com uma experiência de abuso emocional mas antes com exposição a acontecimentos negativos. Ainda nessa discussão de supervisão questionámos a integração do conceito trabalho infantil forçado como propriedade do abuso físico. As entrevistas apresentavam aspectos relacionados com as características e tipos de trabalho, quando trabalhavam, causas do trabalho, consequências e impacto do mesmo. Este aspecto levou-nos a considerar a possibilidade de trabalho infantil forçado poder tratar-se de uma categoria por si só e passámos a explorar essa possibilidade nos dados.

20 de Janeiro de 2009

Continuámos a trabalhar a categoria Abuso.

Passamos de seguida a explicar o processo indutivo que nos conduziu à construção da mesma.

A categoria Abuso é constituída pelas seguintes propriedades tipo de abuso; quem abusa; quando é abusado; causa do abuso; intensidade do abuso; frequência do abuso; impacto do abuso e significado do abuso

Abuso psicológico e abuso físico são duas sub propriedades da propriedade Tipo de Abuso

O abuso psicológico ocorre através da aterrorização e rejeição levada a cabo pelos adultos cuidadores às crianças/jovens.

A atemorização refere-se a interacções entre a criança/jovem e os adultos significativos em que estes últimos impõem a sua vontade através de sentimentos de temor, pânico ou terror aos primeiros. Fazem parte deste conceito códigos tais como "bastava o olhar do meu pai"; "tínhamos pavor".

A rejeição refere-se a interacções entre os mesmos intervenientes pautadas por carências de atenção, inexistência de manifestações de afecto, comportamentos de alheamento face à criança e abandono da mesma em instituições, nomeadamente em colégios internos.

O abuso físico consistia em situações de agressões corporais perpetradas com ou sem instrumentos e em castigos susceptíveis de ameaçar a integridade física dos sujeitos. Alguns dos códigos integrados neste conceito foram "apanhar vergastadas", "bateu-me de cinturão", "porrada". Os códigos integrados em castigos perigosos foram "fechados no curral", "andar a ceifar descalços".

Quem abusa?

Os abusos eram perpetrados pelos adultos significativos (i.e. pelos pais, avós e professores)

Quando é abusado?

Os abusos decorreram desde a primeira infância até à maior idade. Alguns dos códigos ilustrativos foram "desde os 4 ou 5 anos"; "vinha da escola e apanhava"; "bateu até fazer 18 anos".

Causa do abuso?

Os abusos eram decorrentes de estilo educativo autoritário, do sadismo e do alcoolismo dos mesmos.

O estilo educativo autoritário baseava-se em práticas educativas pautadas pelos valores da autoridade dos pais e pelo valor da obediência e subserviência dos filhos, alguns dos códigos desta sub propriedade são "era autoridade a mais", "mentalidade cacique", "pais ditadores".

O sadismo dos cuidadores diz respeito à percepção por parte da criança/jovem quanto ao facto dos cuidadores recolherem prazer pelo facto de agredirem os filhos e isso está patente em códigos tais como "tinha vaidade em bater", "batia-me por gosto".

O alcoolismo dos cuidadores é percebido como causa dos abusos pelo descontrolo e falta de motivo para as agressões físicas que os cuidadores infligiam às crianças.

Intensidade do abuso?

Os abusos foram apresentados como tendo uma intensidade forte.

Frequência do abuso

O abuso ocorre em duas dimensões, numa baixa e alta frequência.

Impacto do abuso?

O impacto do abuso remete para a memória dos sujeitos a respeito da ressonância emocional de terem experienciado este tipo de relação com os seus cuidadores no período da sua infância e juventude.

O impacto do abuso ocorre ao nível do próprio e nas respostas dos outros.

Ao nível do próprio as sub propriedades identificadas foram ao nível emocional e comportamental

Emocionalmente, o abuso provocava:

- Sentimentos de ameaça refere-se a sentimentos de medo, terror face ao abuso, sentimentos de revolta e raiva face ao perpetrador. Alguns códigos integrados na resposta de ameaça foram "pavor", "odiava-o", "revolta intensa";
- Sentimentos de indiferença refere-se a sentimentos de neutralidade face ao facto de haver sido mal-tratado e é visível em códigos tais como "batesse o que quisesse", "merecia";
- Sentimentos de resignação. A resposta de resignação diz respeito ao sentimento da criança/jovem de não ter controlo sobre a situação e aprender a contar apenas com os seus próprios recursos para viver sem acreditar na possibilidade de vir a ser ajudada pelos cuidadores. Alguns dos códigos deste conceito "aprendi a viver só"; "não contar com ninguém".

Ao nível comportamental, o abuso provocava:

- Evitamento. Esse evitamento consistia em procurar refúgio em casa de familiares para evitar as agressões, em afastar-se do contacto com os cuidadores;
- Retaliação. A retaliação ia desde a provocação e desobediência até à utilização da agressão corporal face aos cuidadores aquando de situações de agressão.

No que se refere ao impacto do abuso nos outros surgem duas dimensões:

- A desprotecção - manifesta no facto de o segundo cuidador (i.e. mãe ou pai não agressor) apresentar resposta de indiferença ou impotência face ao abuso do próprio. Esta dimensão emergiu dos códigos "mãe impotente", "todos eram agredidos", "não se importava".
- A protecção - manifesta no facto de o segundo cuidador (i.e. mãe ou pai não agressor) apresentarem atitudes de encobrimento da criança ou de se imporem verbalmente contra a perpetração das agressões. Esta dimensão emergiu dos códigos "dizia para parar", "dizia para não bater"

Significado do Abuso?

O conceito de significado refere-se à interpretação que é dada actualmente pelos indivíduos, após terem revisitado as memórias da infância e juventude relativas aos episódios de abuso às mesmas. O tema emergente nos dados estava ligado à percepção de si próprio e à sua própria identidade pensada no presente. Este aspecto levou-nos a investigar a literatura no que se refere ao impacte das relações de abuso no desenvolvimento da percepção de si. A qualidade das

relações que a criança estabelece com os cuidadores vai influenciar as suas expectativas sobre aquilo que pode esperar dos outros e de si própria, ou seja, terá impacto nas relações interpessoais mas também nas intrapessoais (Azevedo e Maia, 2006).

O conceito de significado do abuso surgiu-nos nas propriedades percepção de si como vítima, percepção de si como culpado

De acordo com o dicionário de língua Portuguesa a definição de vítima refere-se a "pessoa ou animal sacrificada aos deuses, pessoa maltratada ou assassinada por outra; pessoa sacrificada às paixões ou interesses de outrem".

A percepção de si como vítima liga-se à visão de si como alguém destituído do poder de interromper a situação de abuso. Esta propriedade surgiu a partir de códigos como "fui uma vítima", "fui traumatizado", "infância traumática"

A percepção de si como culpado emergiu a partir dos códigos "era mau", "provocava-o", "fazia disparates". Neste conceito o abuso sofrido é percebido como tendo sido legitimado pelas características negativas do sujeito que foi alvo dos mesmos.

A percepção de si como vítima surgiu associada à percepção dos cuidadores como ofensores, ou seja, presentemente o sujeito compreende o abuso de que foi vítima na relação vítima - ofensor

A percepção de si como culpado surgiu associada à percepção dos cuidadores como disciplinadores, ou seja, o sujeito compreende o abuso de que foi vítima na relação culpado-disciplinador e considera que dessa relação decorreu a aquisição de valores morais (i.e de disciplina e de respeito).

O sujeito considera que houve a aprendizagem de valores de respeito.

Ver literatura sobre a relação entre os maus-tratos, a percepção do eu e o tipo de relação de vinculação estabelecida com os cuidadores.

12 de Fevereiro de 2009

Trabalhámos o conceito de significado das experiências de maltrato. Mantivemos o significado na sua propriedade - significado valorativo, entendido enquanto o valor afectivo atribuído às vivências e em relação à propriedade significado compreensibilidade considerámos que a percepção do eu deveria ser renomeada para identidade por considerarmos que os conceitos vítima e culpado são muito mais latos do que a noção de percepção do eu.

Decidimos renomear o conceito - percepção dos cuidadores para percepção da vinculação por considerarmos que os

conceitos disciplinador e Agressor se referem a modalidades de relação entre o sujeito e seu suposto "cuidador".

Ver literatura sobre o conceito de identidade e de percepção do eu.

Ver literatura sobre vinculação

Canavarro, 1999

As relações de vinculação estão ligadas à ideia de obtenção de segurança.

Uma relação de vinculação serviria como porto de abrigo, em alturas conturbadas, e como uma base para explorar o ambiente em alturas tranquilas (Canvarro, 1999, pp. 39)

Três ideias básicas

1. Se uma pessoa tem confiança na disponibilidade da figura de vinculação, será menos provável que apresente medo e ansiedade crónica;
2. Essa confiança básica desenvolve-se durante a infância e as expectativas desenvolvidas persistirão ao longo da vida
3. As expectativas criadas sobre a disponibilidade da figura de vinculação far-se-ão sentir nas relações estabelecidas posteriormente

MEMORANDO DA CATEGORIA SOFRER PREPARAÇÃO MILITAR – GRUPO PTSD

15 de Agosto de 2009

Sofrer preparação militar é um processo pelo qual passaram todos os sujeitos que viriam a ser mobilizados para a Guerra Colonial

A obrigatoriedade da mobilização resultava das condições sócio políticas da época histórica durante a qual decorreu o conflito armado.

16 de Agosto de 2009

Trabalhámos o significado atribuído à preparação militar e percebemos que a mesma foi vivenciada ao nível afectivo com sentimentos de humilhação, vitimização e abuso.

Os códigos que emergiram para este significado valorativo foram, ser-se humilhado, sofrer, ser castigado, ser violentado (i.e. no sentido da coacção) e fizeram emergir o conceito de sofrimento.

18 de Agosto de 2009

As secções das entrevistas relacionadas com a reflexão dos sujeitos sobre a preparação militar antecedente à sua participação no conflito armado foram codificadas com códigos tais como, estar pronto para matar, máquinas de guerra, matar indiscriminadamente, varrer tudo, ser besta. Ao questionarmos e compararmos estes códigos emergiu a ideia do automatismo do mecanismo de combate. Esta ideia pareceu-nos muito bem materializada na metáfora da transformação em Bestas pelo seu ênfase na ausência de crítica.

O significado da preparação militar, tal como foi compreendido pelos sujeitos emergiu através dos códigos, preparados para morrer, preparados para o suicídio, preparados para sobreviver, preparados para o perigo e preparados para morrer pelo grupo. Estes códigos levaram-nos à criação do conceito - Guerreiros.

19 de Agosto de 2009

A preparação militar manifestou-se em treinos de extrema agressividade em que os sujeitos eram expostos a condições penosas tais como cansaço, fome, frio. Alguns dos códigos associados aos treinos militares foram, passar privações,

ser tratado como animal, exercícios desumanos, ser humilhado, observar humilhação dos outros. A comparação destes códigos levou à emergência do conceito sofrer desumanização.

Outro aspecto da manifestação da preparação militar relacionou-se com a exposição dos sujeitos a slogans patrióticos relacionados com os ideais colonialistas e com o visionamento de filmes de massacres perpetrados no início do conflito pelas forças de guerrilha dos movimentos de libertação locais. Alguns dos códigos associados a estas secções das narrativas dos sujeitos foram, lavagem cerebral, preparação psicológica, incutir ódio. Estes códigos fizeram emergir o conceito sofrer manipulação psicológica.

20 de Agosto de 2009

Dada a obrigatoriedade da preparação militar os sujeitos tinham poucas alternativas de acção e os códigos relacionados com as modalidades de reacção a este processo acentuaram essencialmente a expressão de emoções tais como a resignação, a revolta, a insubordinação a ordens e directivas de superiores e as tentativas frustradas de fuga à mobilização pela deserção.

21 de Agosto de 2009

A reflexão com base nas propriedades até aqui enunciadas para a preparação militar destes sujeitos levou-nos a considerá-la um processo/categoria denominada - sofrer preparação militar.

Esta sujeição à preparação militar variou entre a sua classificação como adequada vs inadequada. Os códigos relacionados com a classificação da preparação como adequada reflectiam a utilidade da mesma e a sua adequação à realidade dos teatros militares para onde os indivíduos viriam a ser mobilizados. Pelo contrário, a avaliação da preparação militar como inadequada relacionou-se com o facto de os indivíduos não perceberem qualquer utilidade ou pertinência na mesma

MEMORANDO DA CATEGORIA – SOFRER AMEAÇA BIOPSÍQUICA- GRUPO PTSD

21 DE JULHO DE 2009

Começámos por definir o conceito de exposição bélica.

Exposição bélica refere-se às situações em que os sujeitos foram expostos ou sofreram passivamente acontecimentos relacionados com a sua participação em combate. Considerámos que a tónica desta categoria está na ideia de passividade dos sujeitos e não se refere às situações em que os mesmos terão sido participantes activos dos processos de guerra.

22 de Julho de 2009

O conceito exposição bélica tem como propriedades

A exposição a uma guerra de guerrilha (i.e. com o transporte de armamento muito pesado, com percursos de longa distância a pé, com o rebentamento de minas e muito principalmente com a exposição a emboscadas).

A exposição a más condições de logística relaciona-se com o mau estado do armamento, com a falta de condições para dormir, com uma alimentação imprópria, com a exposição às condições climáticas da zona e aos insectos e animais selvagens).

Outra propriedade: a exposição a doenças e entre elas refira-se o paludismo, as doenças dermatológicas e as sexualmente transmissíveis.

Exposição a acontecimentos traumáticos: nesta propriedade contam-se acontecimentos vividos pelo próprio (i.e. ser ferido, estar desaparecido, exaustão e sofrer acidentes), acontecimentos vividos ou seja: acontecimentos nos quais o sujeito participaram de alguma forma sem que fosse ele a correr o perigo de ameaça à sua integridade física (i.e. ver morrer camaradas, estar exposto a camaradas na urna, tais como a morte de camaradas, a exposição a corpos mutilados de camaradas, o ter que recolher partes do corpo de camaradas, o sofrer ferimentos). Outra das sub propriedades dos acontecimentos traumático diz respeito aos observados e aí consideram-se acontecimentos tais como o ter conhecimento de atrocidades perpetradas tais como os linchamentos a exposição a situações de perpetração de linchamentos e os filmes de massacres que eram passados aos soldados) Outro dos acontecimentos francamente perturbadores observados pelos soldados refere-se à exposição à descompensação psicológica de outros camaradas.

A exposição a falta de apoio militar surgiu em termos de humilhações sofridas, ameaças de prisão, propaganda política e opressão política.

6 de Agosto de 2009

Após reflexão e comparação com os dados considerámos que podíamos associar o conceito - sobreviver na guerra dado este fazer referência a estratégias de actuação dos soldados para fazerem frente às ameaças que a exposição bélica lhes colocava. Verificámos tratar-se tanto de uma sobrevivência biológica no sentido da integridade física da pessoa como de uma sobrevivência psíquica no sentido de desenvolver estratégias que suavizassem o stress das operações de guerra.

Ao nível da sobrevivência biológica, que denominámos de biosobrevivência os soldados recorriam tanto a estratégia de evitamento do combate como ao combate dirigido para a sobrevivência própria e do grupo.

Ao nível psicológico, considerámos estarmos face ao recurso a um conjunto de estratégias de coping, desde o coping emocional passivo, passando pelo coping emocional activo e o coping de resolução de problemas. Denominámos esta propriedade das estratégias de acção como Psicosobrevivência.

12 de Agosto de 2009

Trabalhámos o conceito - incerteza de sobrevivência.

Este conceito representa a propriedade variação da manifestação da sobrevivência Biopsicológica e apresenta variabilidade dimensional em termos da gradação do sentimento de ameaça - vai desde o terror, medo, desânimo e resignação.

31 de Agosto de 2009

Trabalhámos a propriedade Factores Intervenientes na variação da ameaça à sobrevivência Biopsíquica. Os dados mostram que as sub propriedades deste conceito são a existência ou inexistência de ligação à comunidade de origem feita através da correspondência, o ter confiança no superior e o descontrolo em combate.

Trabalhámos o conceito de significado. No seu aspecto de inteligibilidade foi possível perceber que a ameaça à sobrevivência biopsíquica veio a revelar-se a comprovação da ilegitimidade e perversidade da guerra, à desaprovação da mesma à crença de terem sido drogados durante as suas actuações nos teatros de combate e de terem sobrevivido por sorte. O valor deste fenómeno variou entre sentimentos de haver sido alvo de injustiça e de haver revelado heroísmo na actuação.

MEMORANDO DA CATEGORIA – PERPETRAR ATROCIDADES – GRUPO PTSD

12 de Agosto de 2009

O fenómeno de perpetração de atrocidades tem como causas identificadas os sentimentos de vingança e a própria criminalidade de guerra.

O conceito de vingança relaciona-se com o processo passional em que os soldados depois de haverem perdido camaradas em combate ou depois de terem eles próprios sofrido ferimentos, em estado de descontrolo ou até de dissociação perdem o discernimento e cometem atrocidades sobre o inimigo ou sobre elementos da população.

Resulta da aglomeração de códigos como atrocidades por descompressão, em estado de dissociação, significa que as atrocidades são praticadas num clima de descompressão, de raiva contida e de tensão de realização.

A tensão de realização é a tensão decorrente do combate e a satisfação pela sobrevivência do grupo.

MEMORANDO DA CATEGORIA – SOFRER TRANSFORMAÇÃO – GRUPO PTSD

20-05-09

Sofrer Transformação

Os veteranos descrevem um fenómeno em que são transformados. As causas referem-se a momentos vividos no ultramar - momentos positivos e situações de adversidade e trauma.

Essas transformações manifestam-se ao nível social e pessoal. Ao nível social pode ser de maior socialização ou de embotamento.

Ao nível pessoal pode ser de enriquecimento pessoal ou de trauma pessoal.

Essas transformações acontecem no contexto em que há interrupção da formação, do projecto de vida e através do abuso de que se sentem vítimas

As transformações variam entre grandes transformações e pequenas transformações. São vistas como graduais.

O que vai influenciar as transformações?

Que significado vão dar ao facto de sofrerem transformação?

Vão dar um significado valorativo e referir sentimentos de revolta, arrependimento

Vão referir um significado compreensivo em que ao nível pessoal vão apontar a bestialização, a perda de tempo de vida e os prejuízos e ver a transformação como um ponto de viragem para a idade adulta, ao nível social vão ver a transformação como uma (des) identificação social por serem vistos como criminosos, por não serem reconhecidos e por se sentirem alheios

MEMORANDO DA CATEGORIA ADIÇÃO SÓCIO-AFECTIVA AOS CAMARADAS – GRUPO PTSD

03-03-09

RELAÇÕES COM CAMARADAS podia ser denominado de relações vivas.

Refere-se ao fenómeno de continuar a viver relações sociais e afectivas com pessoas que se conheceram há mais de 40 anos em contexto bélico. Parece-nos que estas relações vivem porque outras morreram. As relações dos veteranos com a comunidade de origem são difíceis. O processo de (re) integração não é, na maior parte das vezes satisfatório. Os veteranos verbalizam a falta de compreensão, a incapacidade de ventilarem as experiências de guerra com outros.

Ver transcrição do sujeito M. sobre os encontros de veteranos.

04-03-09

Ao fazer a codificação da entrevista de V. fica-se novamente com a ideia de que as relações sociais destes homens acontecem com os outros veteranos - grande proximidade com esses e grande distância com a comunidade em geral.

Essa dificuldade de relação e ajustamento social com a comunidade geral parece-nos emergir no conceito qualidade de vida, porque esse conceito vai abranger as sequelas ou as áreas comprometidas do funcionamento destes homens.

23 -05-06

Denominei a categoria como relações de dependência com camaradas porque isso integra a ideia de uma ligação de grande intensidade, que se mantêm no tempo através das necessidades que os veteranos têm em satisfazer as suas necessidades de socialização e pela ambivalência das emoções que essas relações despertam neles. Por um lado sentimentos de euforia e satisfação mas por outro lado sentimentos de angústia pelas recordações dolorosas dos períodos de guerra, pelo confronto com a morte de camaradas.

O fenómeno é um processo de dependência /adição às relações ou contactos com os antigos camaradas. Esse fenómeno faz quase lembrar a revivescência do passado, da guerra. Parece que a ligação com que ficam é extrema. Percebi isso nos encontros de veteranos.

Continuo a considerar que os veteranos atribuem características muito corporais à relação. Quando mencionam que o sangue derramado pelos colegas também era o deles, quando referem ter ligações como se fossem irmãos gémeos...

São ligações de uma intensidade emocional muito parecida à que ocorre numa relação afectiva-sexual

São relações de grande intimidade - intimidade afectiva e espiritual - e que, naturalmente, vão permanecer.

MEMORANDO DA CATEGORIA GUARDAR SIGILO DO TRAUMA – GRUPO PTSD

04-03-09

VENTILAÇÃO SOCIAL DA GUERRA

Os códigos remetem para a ideia de se ter um segredo - as memórias de guerra de se sentir necessidade de o contar a alguém mas de existirem condicionalismos para essa partilha.

No contacto com a Ana Oliveira (estudante que está a fazer Doutoramento sobre a partilha das memórias dos veteranos na Sociedade, sob orientação do Prof. Valentim...) ela referiu existirem estudos que dizem que após outras guerras, catástrofes (II.ª GM, por ex.) há um período de silêncio social - as pessoas recusam-se a falar e só passados cerca de 20 ou 30 anos sobre a experiência é que há a possibilidade de a começarem a partilhar com os outros e a organizarem as memórias.

Nota: Seria bom ler alguma coisa sobre isto.

A ventilação da Guerra parece relacionar-se com o conceito - amizades vivas. A partilha parece ocorrer, em termos de identificação nos encontros de veteranos.

Parece que por um lado há um "pôr-se à margem" do grupo social e um manter-se em relação com os camaradas de guerra. Algo agri-doce como muitos mencionaram.

Parece tb muito ligado a um artigo (Maia & Fernandes, 2003) cujo título é Quando a Guerra parece não ter fim.

28.05.09

Ao reflectirmos e escrevermos sobre este processo ficava cada vez mais evidente que os Veteranos com PTSD guardam sigilo dos episódios traumáticos e não tanto da Guerra no Geral.

Por essa razão decidimos denominar a categoria como guardar sigilo do trauma

MEMORANDOS – GRUPO ASSINTOMÁTICO

MEMORANDO DA CATEGORIA REMEDIAR PRIVAÇÕES – GRUPO ASSINTOMÁTICO

21-01-09

Considerei que as experiências vividas deveriam integrar o conceito de negligência.

As experiências referidas de negligência educativa e afectiva eram consequências do confronto dos sujeitos com a pobreza.

Passamos de seguida a explicar o processo indutivo que nos conduziu à construção desta categoria.

Num primeiro momento denominámos a categoria de experiências de Pobreza. Mais tarde ao analisar os conceitos percebemos que ela integrava tanto experiências de privação como de não privação e que as de privação tinham um carácter de confronto. Não havia efectivamente experiência de fome, por exemplo.

Ficar órfão de pai, salário insuficiente dos pais e família numerosa são as sub propriedades do conceito causas das experiências de privação.

Ser órfão de pai resultou da agregação de códigos como "morte do pai"; "morte do pai por acidente" e "morte do pai por doença inesperada" durante a infância e juventude dos sujeitos.

Ser proveniente de família numerosa significa que as famílias dos sujeitos eram formadas por mais de três irmãos.

Salário insuficiente dos pais significa que apesar dos pais terem uma actividade remunerada o que ganhavam era nitidamente insuficiente e foi constituído pela agregação de códigos como "não ganhar que chegue" e "ganhar pouco".

Privações de vestuário e privações alimentares são sub propriedades do conceito privações materiais

As privações de vestuário consistiam em os sujeitos terem que usar roupa em mau estado quase sempre que passava de irmãos para irmãos, calçarem calçado em mau estado ou não terem mesmo calçado e andarem

descalços. Os códigos que deram origem a esta sub propriedade foram "roupa velha"; andar descalço" e "vestir roupa dos irmãos"

A privação alimentar refere-se a ter os alimentos racionados e a ter uma alimentação pouco variada, quase sempre derivada dos produtos cultivados na horta familiar. Os códigos que levaram a esta sub propriedade foram "ter que dividir uma sardinha"; "comer sopa com sopa"; "só havia sopa e pão"

Não ter brinquedos, não ter dinheiro para estudar, falta de meios de transporte são as sub propriedades do conceito privações educativas e lúdicas

Os sujeitos cresceram num ambiente carente de estímulos lúdicos e educativos.

Não ter dinheiro para estudar ocorria principalmente após o exame do 4.º ano em que os pais eram, por vezes, aconselhados a permitirem que os filhos estudassem e não o faziam por falta de meios monetários, "dinheiro fazia falta para pão"; "falta de dinheiro para livros"; "estudar era caro" foram alguns dos códigos agregados nesta sub propriedade.

Não ter brinquedos refere-se à impossibilidade de lhes serem oferecidos brinquedos pelos adultos significativos.

Falta de transportes significa que as crianças e jovens faziam grandes deslocações a pé para a escola ou para irem trabalhar.

Estudar e trabalhar, Trabalho infantil doméstico e actividade infantil colaborativa são as sub propriedades do conceito confronto com as privações.

Para lidarem com as privações as famílias accionavam acções de remediação que começavam no hábito das crianças antes de irem para a escola ajudarem nas tarefas domésticas, normalmente na agricultura. Os códigos "trabalhar antes da escola", "fazer os deveres a olhar pelo gado" ilustram esta sub propriedade.

A actividade infantil colaborativa era as actividades que as crianças faziam espontaneamente para garantirem a alimentação. Alguns dos códigos integrados foram "ir apanhar castanhas"; "roubar couves"; "cuidar dos mais pequeninos"; "fazer a sopa"

O trabalho infantil eram todas as actividades domésticas nas quais os adultos solicitavam a participação das

crianças e podiam ser as tarefas agrícolas, o pastoreio de animais ou o acompanhamento dos pais a feiras. Alguns códigos desta sub propriedade "ir com pai à feira"; "cuidar do gado"; "malhar o trigo". Faltar à escola, pouco tempo para brincar, ausência de supervisão dos adultos, e ser impedido de estudar são as sub propriedades do conceito negligência educativa

A inexistência de carinho dos cuidadores é a sub propriedade do conceito negligência afectiva

A negligência educativa e a negligência afectiva são as propriedades da Negligência enquanto consequência do confronto com as privações

O confronto com as privações tinha como consequências a negligência tanto educativa como afectiva.

As faltas à escola relacionavam-se com situações em que as crianças tinham que cooperar nas tarefas agrícolas dos pais ou acompanhá-los a feiras ou ainda por medo de terem faltado antes e a professora os poder castigar (i.e. codes "não ia à escola"; "ficar a ajudar").

O pouco tempo para brincar resultava das crianças terem o tempo completamente ocupado com as aulas e com as tarefas domésticas onde eram chamadas a colaborar (i.e. codes - "brincar ao olhar pelo gado" "pouco tempo pa brincar")

A ausência de supervisão dos adultos resultava dos mesmos trabalharem durante longos períodos de tempo nos seus empregos e também nas tarefas agrícolas de forma que algumas crianças ficavam entregues a si próprias e aos cuidados dos irmãos mais velhos (i.e. codes - "estar por nossa conta"; "eu era o chefe"; "ficávamos sozinhas")

O trabalho dos pais, o cultivo da terra e a poupança são as sub propriedades do conceito causas da remediação

O trabalho dos pais refere-se às situações de emprego de pelo menos um dos progenitores em instituições razoavelmente seguras tais como serviços públicos ou indústria ou até por conta própria (i.e. - codes "o meu pai era gnr"; "a minha mãe trabalhava numa fábrica", "o meu pai tinha um restaurante")

O cultivo da terra era uma forma de completar os rendimentos provenientes do vencimento dos pais (i.e. - codes "fazer horta"; "ter galinheiro")

Pessoas a pedirem, gente com privações alimentares, gente com privações de vestuário são as sub propriedades do conceito consciência da privação dos outros

A consciência da existência de pessoas a passarem várias privações ocorre tanto nos locais de residência das famílias como entre o convívio escolar das crianças.

As pessoas a pedirem refere-se a situações observadas pelas crianças - jovens de vizinhos a solicitarem ajuda aos seus progenitores (i.e - "pediam à porta"; "pediam pão").

Gente com privações alimentares refere-se à observação de crianças na escola que não tinham alimentos, à observação de mães que deixavam de amamentar as crianças por terem que ir trabalhar (i.e - codes "não tinham lanche" "levava o bebé à mãe")

Gente com privações de vestuário refere-se à observação de colegas de escola descalços e sem roupa que os abrigasse do frio (i.e. codes - "iam descalços", "tremer de frio", "roupa esburacada")

Ajudar pessoas com fome, união entre as pessoas são sub propriedades do conceito resposta de solidariedade

As respostas de solidariedade às privações observadas nas outras pessoas acontecem através da dádiva de alimentos a famílias (i.e- codes "matar-lhes a fome"; "partilhar o lanche").

A união entre as pessoas consistia em partilharem actividades agrícolas (i.e. codes - "o meu pai não sabia dizer não"; "íamos a pé juntos")

Conhecer a natureza humana e aprender a luta pela sobrevivência são as sub propriedades do conceito aprender com as privações dos outros

Conhecer a natureza humana são as reflexões que o sujeito faz sobre a observação do valor das pessoas humildes (i.e - "viver com gente simples", "pessoas com valor", "pessoas com "garra"))

Aprender a luta pela sobrevivência consiste em observar a energia das pessoas humildes na procura de

satisfação para as suas necessidades de sobrevivência (i.e. - codes "lutar pela vida"; "sobreviver")

18 de Fevereiro de 2009

Alterámos a denominação da categoria - experiências de subsistência era o mesmo que experiências de sobrevivência. Ao questionar os dados não havia confirmação para esta denominação. Alterámos para

Experiências de Remediação.

O significado das experiências de remediação surgiu em termos de testemunhar a sobrevivência.

Consultando o Dicionário de Língua Portuguesa percebemos que a definição de testemunho convergia com os dados:

Testemunha- aquele que presenciou certo facto e que pode ser chamada a contar o que sabe.

Árvore que se planta ao lado de outra que serve de baliza; pedra que se finca ao lado de um marco

Baliza estaca ou outro objecto que assinala um limite; bóia que indica um ponto que os navios devem evitar

MEMORANDO DA CATEGORIA SOFRER DISCIPLINAÇÃO – GRUPO ASSINTOMÁTICO

9 de Novembro de 2008

Num primeiro momento denominámos a categoria de Ser Castigado. Ser castigado referia-se à utilização por parte dos adultos de estratégias diversificadas para gerir o comportamento dos sujeitos.

A punição verbal, o custo de resposta e os castigos corporais eram sub propriedades do conceito Como era o Castigo.

Os comportamentos desadequados da criança, as suas características pessoais e dos adultos seus cuidadores referiam-se às causas dos castigos.

Ser castigado na escola, em casa e no seminário referia-se ao conceito onde ocorria o castigo.

Ser castigado pela mãe, pelo pai e pelos padres constituía as sub propriedades de quem castiga

Ser castigado na primeira infância e na segunda infância refere-se ao conceito idade do castigo.

Os castigos podiam ter alta ou baixa frequência e alta ou baixa intensidade.

A moderação dos castigos aplicados por um progenitores pelo outro foi por nós considerada como sub propriedades do conceito impacto dos castigos

Aprender e cumprir as regras foram os significados atribuídos aos castigos sofridos. Esses significados pareceram-nos sofrer a influência (i.e. serem agudizados na sua intensidade) do conceito - mentalidade da época, o qual apresentava como sub propriedades a generalidade do recurso a castigos pelos progenitores, a legitimidade da utilização de castigos e crença na educação pelo castigo.

16 de Janeiro de 2009

Ensaíamos a possibilidade da categoria ser castigado poder ser integrada por codificação axial numa categoria nuclear de maior abstracção por nós denominada como Relações de Cuidado dado termos construído conceitos referentes a experiências relacionais positivas entre os sujeitos e seus cuidadores, nomeadamente a satisfação de necessidades educativas e lúdicas, de segurança e de estimulação sócio cultural. Todavia ao questionarmos novamente os dados não confirmámos a categoria Experiências de Cuidado. Os sujeitos faziam referências pontuais a momentos positivos de relação com os cuidadores mas a ideia básica dessas relações estava muito ligada a relações de vigilância e controlo dos segundos sobre os primeiros. Nessas relações de controlo havia sim a interferência dos conceitos satisfação de necessidades educativas e lúdicas, de segurança e de estimulação sociocultural.

26 de Fevereiro de 2009

Denominámos a categoria Ser Castigado como Sofrer Disciplinação porque após novo questionamento dos dados pareceu-nos que a ideia central desta categoria se relacionava com um estilo educativo em que os adultos cuidadores se relacionavam com as crianças/jovens com austeridade e severidade e procuravam gerir os seus comportamentos e atitudes através de estratégias marcadas pelo controlo e opressão.

As infracções às regras parentais por parte dos sujeitos; as características de personalidade dos sujeitos tais como as manifestações de rebeldia e oposição e as características de personalidade dos adultos tais como a instabilidade emocional (i.e. a existência de explosões emocionais por parte dos progenitores face aos comportamentos disruptivos dos sujeitos), o autoritarismo e intolerância dos mesmos face aos comportamentos dos sujeitos são as sub propriedades do conceito Causas da Disciplinação.

A utilização de castigos corporais ou a sua recusa, o recurso a castigos verbais na forma de repreensões e insultos, a utilização de estratégias de gestão comportamental tais como a retirada de benefícios previamente adquiridos e a aplicação de custos de resposta foram as sub propriedades do conceito Estratégias de Disciplinação.

A implementação de um clima relacional de vigilância aos comportamentos dos sujeitos, a legitimidade social das práticas de disciplinação e a generalidade da sua utilização na comunidade de origem dos sujeitos

constituíram o Contexto da Disciplinação

A disciplinação ocorria desde a primeira infância até à adolescência e variava em intensidade (i.e. num contínuo entre baixa e alta intensidade) e em frequência (i.e. num contínuo entre pouco e muito frequente).

Perceber-se como alguém privilegiado por haver sofrido disciplinação foi o significado valorativo atribuído à experiência em termos de valor para a identidade dos sujeitos.

Valorar a relação estabelecida com os adultos cuidadores através do conceito gratidão foi o significado atribuído à relação de vinculação com os cuidadores.

A aquisição de valores de subserviência (i.e valores de respeito, obediência e ponderação) e de valores de lealdade (i.e. valores de amizade e solidariedade) constitui-se como o significado compreensivo, ou, dito por outras palavras, o sentido atribuído à disciplinação sofrida.

MEMORANDO DA CATEGORIA RECEBER PREPARAÇÃO MILITAR - GRUPO ASSINTOMÁTICO

27-08-09

Receber preparação militar significa que os jovens nos seus percursos de desenvolvimento contam como inevitável o cumprimento do serviço militar e que vivem essa fase de vida entre a expectativa do que lhes irá acontecer e a aceitação natural do cumprimento de mais uma tarefa de desenvolvimento. Todavia, as descrições fazem referência ao facto dos jovens saberem estar num contexto de Guerra.

O que está aqui em causa? Parece o cumprimento de uma profecia, de um destino ao qual dificilmente conseguiam fugir.

Qual é o termo, psicologicamente? Tem a ver com algo anunciado previamente.

Ao reflectir sobre esta categoria a comparação que nos ocorre tem muito a ver com o considerar a mobilização quase como uma doença normal de desenvolvimento. Tal como é quase inevitável ter sarampo, varicela, assim era a compreensão de muitos dos sujeitos relativamente à eventualidade da sua mobilização.

A receptividade à preparação militar apresentou variabilidade nas suas manifestações. Para alguns era antecipada desde muito cedo com medo, outros encaravam-na como natural.

Outro aspecto que nos pareceu relacionado com a receptividade à preparação militar relacionou-se com a avaliação do sujeito relativamente a ser submetido a uma preparação com ou sem qualidade. A receptibilidade da preparação militar seria considerá-la uma boa preparação militar boa e como tal útil ou uma má preparação militar, vaga...

Face à inevitabilidade de receber preparação militar os sujeitos colocavam em prática estratégias que podiam ir desde o suicídio, passando pelo desertar e escolher o exílio até aceitar ou escolher a ida para África.

Os factores capazes de fazer variar o medo ou a ausência de medo face à preparação militar/mobilização relacionam-se com a consciência/inconsciência da realidade da guerra e o tipo de reacção por parte da família. Essa reacção era quase sempre de encorajamento ou de simples resignação.

Compreensivamente, os sujeitos percebem o processo de preparação militar como uma prova de masculinidade sendo que, para alguns, o anormal seria não ser mobilizado, uma prova de anti-cobardia, o cumprimento de uma obrigação e a aprendizagem da importância de se matar para sobreviver e finalmente, como uma passagem à vida adulta.

Ao nível valorativo/afectivo a experiência de receber preparação militar é encarada como despoletadora de sentimentos de coação e revolta, resignação, patriotismo e aprovação.

Depois de analisar o diagrama ficamos com a percepção que este fenómeno se refere mais à preparação militar do que à mobilização. Decidimos alterar a sua denominação para - receber preparação militar.

14 de Setembro de 2009

Após a comparação do nosso diagrama com as citações dos sujeitos e após a redacção dos resultados referentes a esta categoria questionámos se aquilo que estaria aqui em causa era o fenómeno de receber preparação militar ou a receptividade à preparação militar? O fenómeno parece-nos de facto o acto de ser receptor de preparação militar e a sua manifestação traduz-se na receptividade a essa mesma preparação militar.

MEMORANDO DA CATEGORIA – AGIR PARA SOBREVIVER – GRUPO ASSINTOMÁTICO

24-08-09

Adversidades Militares

Adversidades militares são um conceito que se manifesta num conjunto de situações a que estiveram expostos os soldados e que, de alguma forma lhes provocaram angústia e sofrimento.

As adversidades começam por:

- más condições para dormir;
- tratamento médico adequado
- sofrer doenças
- logística militar ineficaz
- passar fome e sede
- sofrer isolamento social

Estas foram as particularidades das comissões militares dos soldados, como se fossem o cenário de fundo das suas realidades.

25-08-09

Ameaças de Guerra

Conforme vamos procurando comparar os códigos resultantes da codificação aberta por unidades com semelhanças ficamos com a questão - de que falam estes homens? Que nos contam eles? qual é a história? Que está aqui a acontecer?

Falam de todos os acontecimentos a que assistiram, normalmente dos negativos.

Mas falam também do que fizeram na guerra sendo que essas acções foram muitas vezes conducentes à realização de uma única motivação que era a sobrevivência pessoal e do grupo.

As atrocidades das quais tiveram conhecimento deverão contar-se ou não como acontecimentos entre outros acontecimentos aos quais foram expostos? No caso dos sujeitos com PTSD, as atrocidades foram perpetradas e por isso emergem como uma categoria específica. Aqui não parece o caso.

26 de Agosto de 2009

Ao reflectir sobre o diagrama e ao comparar os conceitos que o formam ficamos com a ideia de que os sujeitos estão a narrar um fenómeno de ameaças - uma situação em que se sentem cercados de estímulos negativos que levam a riscos de perderem a vida e que os levam a sofrimento moral ou psicológico.

24-08-09

Lidar com o sofrimento - Confronto com o stress de Guerra

Lidar com o sofrimento refere-se a estratégias colocadas em acção pelos soldados para conseguirem diminuir os níveis de sofrimento a que estavam sujeitos tanto pelas adversidades da situação de guerra como pela participação na própria guerra.

Neste momento não se afigura como uma categoria independente apesar de existirem significados atribuídos principalmente aos excessos cometidos.

26 de Agosto de 2009

Há um conjunto de acções que os sujeitos nos contam terem colocado em prática com a finalidade de conseguirem diminuir o sofrimento emocional que sentiam por estarem a viver em situações de adversidades militares e em situações de ameaça constante à vida.

Relações Afectivas

O conceito relações afectivas tem a ver com o estabelecimento de relações com as populações, com a família e com os camaradas.

Questionámos até que ponto essas relações afectivas se revelaram protectoras. A capacidade de expressar sentimentos de amizade e de sexualidade, respeito parece contrária ao embotamento afectivo que, por definição, caracteriza a PTSD e por esse motivo parece haver alguma coerência na emergência das relações afectivas no caso destes sujeitos e não tanto no caso dos sujeitos com PTSD o que também é curioso porque são os que vão definir as relações com os camaradas como de "fraternidade".

24-08-09

Lidar com o sofrimento refere-se a estratégias colocadas em acção pelos soldados para conseguirem diminuir os níveis de sofrimento a que estavam sujeitos tanto pelas adversidades da situação de guerra como pela participação na própria guerra.

Neste momento não se afigura como uma categoria independente apesar de existirem significados atribuídos principalmente aos excessos cometidos.

26 de Agosto de 2009

Há um conjunto de acções que os sujeitos nos contam terem colocado em prática com a finalidade de conseguirem diminuir o sofrimento emocional que sentiam por estarem a viver em situações de adversidades militares e em situações de ameaça constante à vida.

28 de Agosto de 2009

Associámos os diagramas dos conceitos antes referidos e ao compará-los entre si e ao compará-los com os dados levantamos a questão? Será que estes sujeitos, usaram as estratégias preconizadas na instrução militar que receberam e que conhecemos da História (i.e. estratégias de defesa por preferência às de ataque e estratégias psicossociais para gerir o impacto da guerra de guerrilha nas populações). Ficámos com a ideia que o fizeram de forma mais "intuitiva" do que premeditada, principalmente no que diz respeito às estratégias de relação com as populações. Há descrições nas narrativas de sentimentos de respeito mútuo e até de amizade para com essas populações.

MEMORANDO DA CATEGORIA – CONFRONTO COM ATROCIDADES – GRUPO ASSINTOMÁTICO

24-08-09

O fenómeno aqui em causa é o testemunho pela observação ou pelo relato de terceiros relativamente á ocorrência de atrocidades.

Ao contrário do que acontecia com o grupo normal, neste grupo há atitudes reactivas ao conhecimento das torturas e do desrespeito dos direitos humanos.

Essas atitudes vão desde a reprovação, passando pelo desejo de agredir os perpetradores e da empatia com as vítimas e do desejo de salvá-las a todas através de tratamento médico e ainda através do desenvolvimento de atitudes de educação dos camaradas para a não perpetração das mesmas.

26 de Agosto de 2009

A realidade das atrocidades parece um fenómeno, mas porque razão? Parece uma situação que foi testemunhada pelos sujeitos e que os levou a uma posição quer em relação à própria actuação quer em relação a atitudes pedagógicas para com os camaradas

MEMORANDO DA CATEGORIA (RE)INTEGRAR-SE - GRUPO ASSINTOMÁTICO

31-03-09

A reintegração na vida civil refere-se ao processo pelo qual passaram os veteranos da Guerra Colonial no momento em que transitam do contexto de combate para voltar ao País de onde partiram. Este regresso coloca-lhes uma série de desafios a resolver porque chegam a um país que já é diferente daquele que conheciam antes de partirem (i.e. alguns regressam após as mudanças do 25 de Abril). Eles vêm diferentes com situações de debilidade física mas também com sentimentos positivos de alívio e alegria por terem sobrevivido.

Encontram um contexto em que legalmente existe alguma protecção à reintegração laboral dos veteranos de guerra, todavia em alguns casos encontram também um mercado de trabalho já muito saturado desses mesmos veteranos regressados.

Em termos sociais, alguns deparam-se com a ausência dos amigos que deixaram - ou por terem emigrado, por ainda estarem mobilizados ou apenas por já não frequentarem os mesmos locais de convívio de antes da guerra.

Neste contexto, os veteranos colocam em marcha estratégias de acção para arranjam trabalho (i.e. pedem ajuda a quem estava cá, retomam a formação académica, envolvem-se em actividades de lazer e partem à procura dos amigos antigos

Nota: enquanto a reintegração nos sujeitos com PTSD é um recomeçar de vida - isto é o significado atribuído por eles - nos indivíduos normais parece ter ocorrido um retomar de uma vida deixada e à qual se conseguiu dar alguma continuidade - ver junto dos dados se esta observação se verifica.

4 DE JUNHO DE 2009

Ao reflectirmos sobre esta categoria ficamos com a ideia de existir um processo caracterizado por um movimento feito pelos sujeitos no sentido de conseguirem retomar de alguma forma a vida que haviam deixado para trás antes da mobilização e do serviço militar.

6 de junho de 2009

Retomámos a análise dos dados. Os significados da reintegração na vida civil, ao nível compreensivo parecem ser o sentimento de continuidade dos sujeitos entre a vida que tinham antes da Guerra e o voltar a essa vida após a guerra.

Ao nível valorativo, os sujeitos parecem experimentar um sentimento de identificação ao grupo - comunidade de pertença após o regresso à comunidade.

MEMORANDO DA CATEGORIA METAMORFOSE PSÍQUICA - GRUPO ASSINTOMÁTICO

29-03-09

As mudanças que os soldados identificam em si como saldo da participação na guerra são maioritariamente positivas.

Essas mudanças relacionam-se com capacidades psíquicas ou seja, falam de auto-desenvolvimento pessoal.

Deve-se perceber que estes indivíduos viveram num clima de opressão, pouca estimulação social e cultural - própria dos anos Salazaristas. Eram indivíduos que tinha sobrevivido a privações ou tinham vivido experiências de remedeio. Isto está exposto no estudo n.º1.

Estes indivíduos ao partirem para a guerra vão ser "mergulhados" num ambiente totalmente diferente. Por um lado têm como cenário as operações militares a decorrerem no mato e, por outro lado

6 de junho de 2009

O conceito de metamorfose tem subjacente a ideia de uma nova organização evolutivamente mais complexa e ocorre no sentido de permitir a adaptação. Por esta razão nos parece que este conceito está mais próximo do que de facto parece ter acontecido aos veteranos.

Ao contrário dos veteranos com PTSD que apenas sofrem transformação dado não haver a passagem a um estado de maior complexidade evolutiva, antes pelo contrário (quando referem que ocorreu bestialização)

7 DE JUNHO DE 2009

Pretendemos analisar a network - DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS e avaliar a possibilidade de integração de ambas.

Decidimos integrar o MEMO referente a DEMONSTRAÇÃO de RESULTADOS por considerarmos que poderá haver algum ponto de integração com a categoria - METAMORFOSE PSÍQUICA

01-04-09

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS foi a denominação aplicada ao que nos pareceu um fenómeno mental em que os veteranos procuram fazer uma avaliação global de todas as vivências que tiveram associadas à sua participação na guerra.

Para demonstrarem os resultados os veteranos começam por apresentar os custos da guerra em termos pessoais e em termos sociais e políticos. Em relação aos custos pessoais salientam as limitações académicas (i.e. a guerra tê-los impedido de dar continuidade à sua formação académica ou tê-la atrasado) em relação às limitações profissionais referem o facto de terem perdido a oportunidade de conseguir empregos ou progredir naqueles que tinham antes da mobilização.

Em termos sociais e políticos os indivíduos referem-se à guerra como tendo-se tratado de um desaire político que se manifestou numa descolonização mal conduzida e numa perda avultada de vidas humanas.

Relativamente à avaliação dos proveitos da participação na guerra, os indivíduos, ao nível pessoal salientam: a existência de ganhos sociais/afectivos (i.e. pela possibilidade de alargarem o círculo social e por haverem estabelecido amizades duradouras; no âmbito instrumental referem como ganhos a oportunidade de educação/formação (i.e. para muitos a escolaridade obrigatória foi completada durante o período de guerra e também terá sido nesse período que muitos tiveram a oportunidade de tirar a carta de condução); no âmbito dos ganhos éticos os indivíduos salientam os valores assimilados graças às vivências militares e entre eles salientem-se o desprendimento, o patriotismo (i.e. muito ligado às ideias de haver cumprido uma obrigação moral para com a pátria e ao orgulho pessoal nas acções desenvolvidas); o valor da disciplina e auto-controlo militares e o valor da entreatajuda entre camaradas pelo facto de se terem responsabilizado pela integridade física e mental de alguns colegas.

No que se refere à existência de proveitos Sociais/Políticos surgem ideias relacionadas com a superioridade nacional manifesta num heroísmo patriótico ligado a considerarem que, comparativamente a países como os EUA, em situações de guerra com o Vietname, os portugueses, tiveram, na guerra colonial portuguesa um desempenho muito mais satisfatório e que não foram efectivamente derrotados. Outro aspecto inerente à ideia de ter havido proveito social/Político liga-se à crença de que o país só se começou a desenvolver socialmente após a Guerra Colonial pois até aí existia grande limitação social.

Outra propriedade deste processo de demonstração de resultados da Guerra Colonial foi denominada de Saldo. Trata-se novamente de um saldo em duas vertentes - na vertente pessoal e na vertente filosófica (denominámos filosófica por nos parecer existir uma compreensão, um esquema de leitura...).

7 de Junho de 2009

Ao reflectir sobre a categoria DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS questionando - o que está aqui em causa? Que fenómeno ou processo é este? Quando é que os veteranos fazem esta "demonstração de resultados?

Parece-nos que o fazem quando lidam/pensam nas memórias de guerra. Nessa altura, as reflexões parecem surgir em termos de um balanço entre o que foi ganho e perdido

8 de Junho de 2009

Ao reflectirmos sobre a categoria de metamorfose psíquica ficamos com a ideia que as percepções de mudança (i.e os significados compreensivos) e o sentimento de gratidão têm como condições causais uma estimulação intensa aos níveis sociais, do contacto com um país diferente, experiências diferentes (i.e estímulos francamente positivos) e que é a capacidade de fazer o balanço entre o que se ganhou e perdeu que leva à percepção de mudança.

Fica-se no entanto com a "suspeita" de que aqui há mudança muito de carácter de aprendizagem/desenvolvimento e não tanto do confronto com um trauma - neste sentido poderemos não estar face ao conceito de crescimento pós-traumático - mas de um crescimento que ocorreu face à exposição mista de adversidades e estímulos positivos? Ou será que os indivíduos é que estavam predispostos para identificarem esses estímulos positivos?

MEMORANDO DA CATEGORIA METAMORFOSE PSÍQUICA - GRUPO ASSINTOMÁTICO

30-03-09

Lidar com memórias de guerra é o fenómeno que obriga os veteranos da Guerra Colonial a gerirem o facto de as memórias do tempo de combate serem permanentes.

A forma como lidam com essas memórias varia em função da existência de sintomas de PTSD (de activação) ou na ausência de sintomas de activação e de reexperimentação.

As estratégias usadas parecem essencialmente modalidades de evitamento através da sobre ocupação no trabalho, em actividades várias (i.e. de lazer,,,), em manobras cognitivas de desresponsabilização e na atitude de aceitar que tais memórias não são para serem compreendidas.

As sequelas do processo de lidar com as memórias decorrem entre a existência e inexistência de disfuncionamento familiar/conjugal. Quando existe disfuncionamento familiar/conjugal o mesmo parece ligado ao facto de as estratégias de evitamento das memórias tornarem o individuo pouco presente ou disponível no ambiente familiar (i.e levando a relacionamentos conjugais de solidão).

O resultado deste processo de lidar com as memórias de guerra parece ligar-se à visão de si próprio como alguém equilibrado vs traumatizado; à metáfora ligada às memórias de guerra enquanto minas desactivadas e como tal inofensivas. Outro dos significados deste processo diz respeito à percepção do individuo face à inexistência de qualquer rejeição social relativamente à sua pessoa.

8 de Junho de 2009

Ao reflectirmos sobre a categoria lidar com as memórias de guerra prestamos atenção às verbalizações dos sujeitos e aquilo que nos chamou a atenção foi a metáfora usada - são minas desactivadas - assim pareceu-nos estarmos perante um processo de desactivação psicológica das memórias de guerra.

Integramos o Memo - Contar a Guerra por considerarmos que o contar a Guerra pode ser uma manifestação da desactivação das memórias de guerra

31-03-09

CONTAR A GUERRA

Refere-se ao processo de contar ou narrar as vivências do período de guerra aos indivíduos do seu círculo de relações sociais e familiares. Os sujeitos sentem a necessidade de contar ou não a guerra em função da curiosidade dos outros, que os questionam, sobre o vivido e em função da existência ou inexistência da parte dos mesmos de necessidade pessoal para essa revelação.

O processo de contar a guerra variou ao longo do tempo em termos de duração e da intensidade com que as vivências eram contadas. No início variou entre o silêncio e o contar a pedido dos outros. Presentemente ocorre a mesma variação - entre o silêncio e partilha.

Relativamente à intensidade/profundidade dessa partilha, no início ela era vaga (i.e. muitas vezes, os sujeitos eram questionados por outros indivíduos que iam também eles ser mobilizados para a guerra e de forma a preservá-los preferiam não fazer grandes revelações). Presentemente os sujeitos revelam a guerra falando da mesma de modo intenso ou limitam-se a focar aspectos mais suaves e caricatos).

Contar a Guerra ocorria no contexto em que, por um lado ainda existia controlo da DGS e por outro, havia a curiosidade dos indivíduos que lidavam com o sujeito.

Para resolver a solicitação para contar a Guerra, os sujeitos escolhem como interlocutores familiares e amigos, os camaradas ou então mostram-se disponíveis para partilhar com quem quer que mostre interesse no tema.

Os factores que parecem aumentar ou diminuir a frequência e intensidade com que contam a Guerra relacionam-se com a necessidade sentida pelo sujeito para esquecer as referidas vivências ou a tendência/interesse pessoal em falar das mesmas.

Em consequência do fenómeno de contar a guerra os indivíduos referem a inexistência de intrusões e um sentimento de indiferença/neutralidade quando falam no assunto.

Consideramos que são os sintomas de activação que colocam em acção a estratégia psíquica de desactivação das memórias de guerra. Se a pessoa não apresentasse mal-estar não teria necessidade de ser pro-activa na gestão das memórias.

10 de Junho de 2009

Questionámos os dados relativamente ao facto de na categoria desactivar memórias de Guerra não havermos conseguido encontrar factores intervenientes susceptíveis de fazer variar a desactivação das memórias entre o estado de memórias adormecidas e o estado de memórias desactivadas.

Até que ponto as estratégias usadas pelos sujeitos já não são elas próprias esses factores intervenientes? Se os sujeitos se recorrem de estratégias de evitamento comportamental, de acordo com as teorias do processamento do trauma, parece-nos coerente que apesar de conseguirem manter as memórias adormecidas elas não terão o mesmo processamento cognitivo-emocional que nos parece ocorrer quando os sujeitos usam estratégias de aceitação dessas memórias e em que aceitam as suas reminiscências sem no entanto se envolverem em qualquer busca de sentido para as mesmas.

Neste sentido, nesta categoria os eixos -factores intervenientes e estratégias de acção parecem concomitantes.

30 de Junho de 2009

Ao redigirmos os resultados referentes à categoria - DESACTIVAR MEMÓRIAS DE GUERRA - consolidámos a nossa percepção relativamente ao facto de as estratégias usadas pelos sujeitos para se relacionarem com as memórias da Guerra vão determinar o tipo de manifestação desse processo. O recurso a estratégias de evitamento está amplamente descrito na literatura como factor impeditivo do processamento emocional das memórias traumáticas levando por reforço negativo ao aumento das intrusões (Brewin, C.R., & Andrews, 1998; Brewin, 2001). Por esse motivo decidimos denominar o eixo compreensivo - Estratégias de Acção para Estratégias de Acção/Intervenientes.

MEMORANDO DA CATEGORIA CULTIVAR AMIZADES DE GUERRA - GRUPO ASSINTOMÁTICO

31-03-09

LIGAÇÃO AOS CAMARADAS

Refere-se ao processo de estar ligado a outros indivíduos que conheceram há mais de três décadas e com quem partilharam vivências de guerra.

A ligação aos camaradas varia em intensidade e em duração. Relativamente à intensidade para alguns veteranos essa ligação é fraca ou de pouca intensidade e por isso recusam ou não procuram os encontros de veteranos. Para outros trata-se de uma ligação moderada e para outros de uma ligação fortíssima.

Essa ligação teve início logo na preparação militar inicial dos sujeitos e mantém-se na actualidade através de momentos de comunicação frequentes.

A ligação aos camaradas ocorre através de estratégias de procura do paradeiro uns dos outros, através de contactos telefónicos, de encontros diários, da comemoração da data do regresso e através da recordação intencional das experiências de guerra através de conversas, da partilha de fotos. Estas actividades ocorrem no contexto dos Encontros Anuais de Veteranos de Guerra ou num contexto mais privado através de convívios entre famílias.

Entre os factores susceptíveis de afectarem a variação da ligação aos camaradas encontramos o facto de, para alguns sujeitos, não terem voltado a ter experiências de ligação/relação social com os outros com a mesma intensidade.

Deste processo de ligação aos camaradas os indivíduos retiram o significado de haverem conhecido o verdadeiro sentido da amizade e de haverem sentido afectos impensáveis no seio de outras relações.

8 de Junho de 2009

Ao reflectir sobre esta categoria colocámos a hipótese de estarmos face a um processo de cultivo de amizades. O cultivo no sentido de ter uma componente intencional, em oposição ao fenómeno de adicção que encontramos na categoria – adicção sócio-afectiva aos camaradas.

**DIAGRAMAS DAS CATEGORIAS
GRUPO PTSD**

DIAGRAMA DA CATEGORIA SOFRER MAL-TRATO - GRUPO PTSD- PERÍODO PRÉ-MILITAR

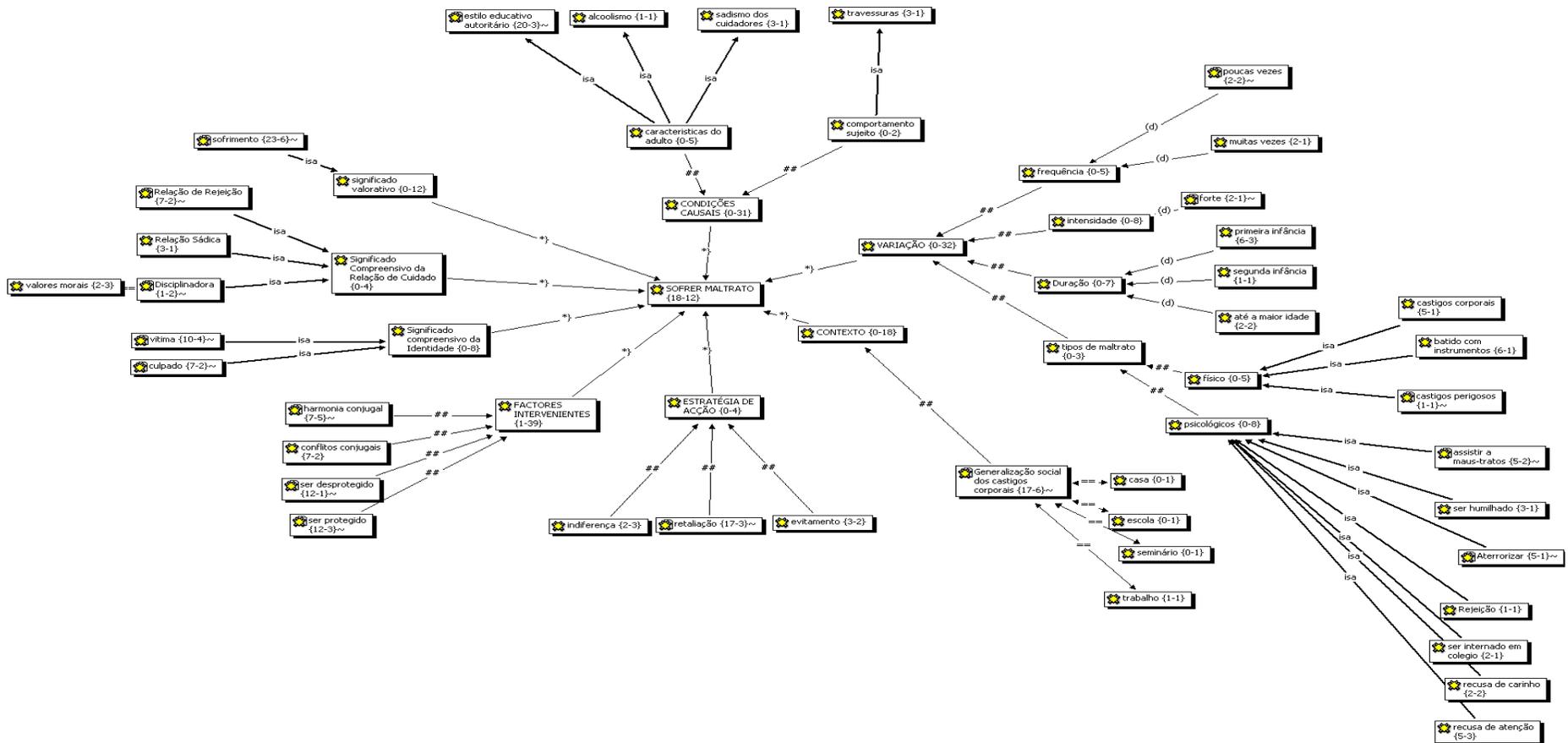


DIAGRAMA DA CATEGORIA SOFRER PREPARAÇÃO MILITAR - GRUPO PTSD- PERÍODO PÉRIMILITAR

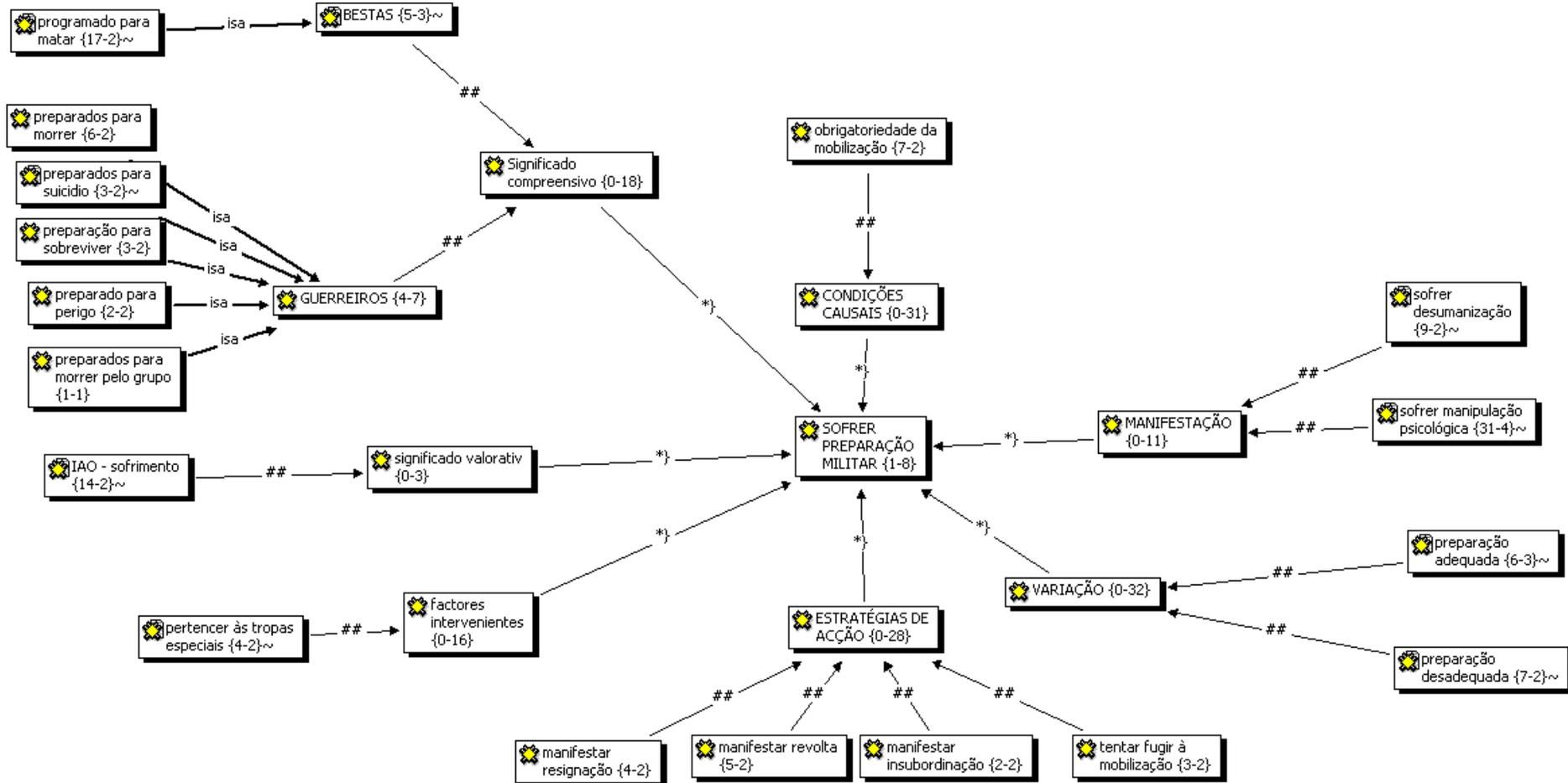


DIAGRAMA DA CATEGORIA PERPETRAR ATROCIDADES- GRUPO PTSD- PERÍODO PÉRIMILITAR

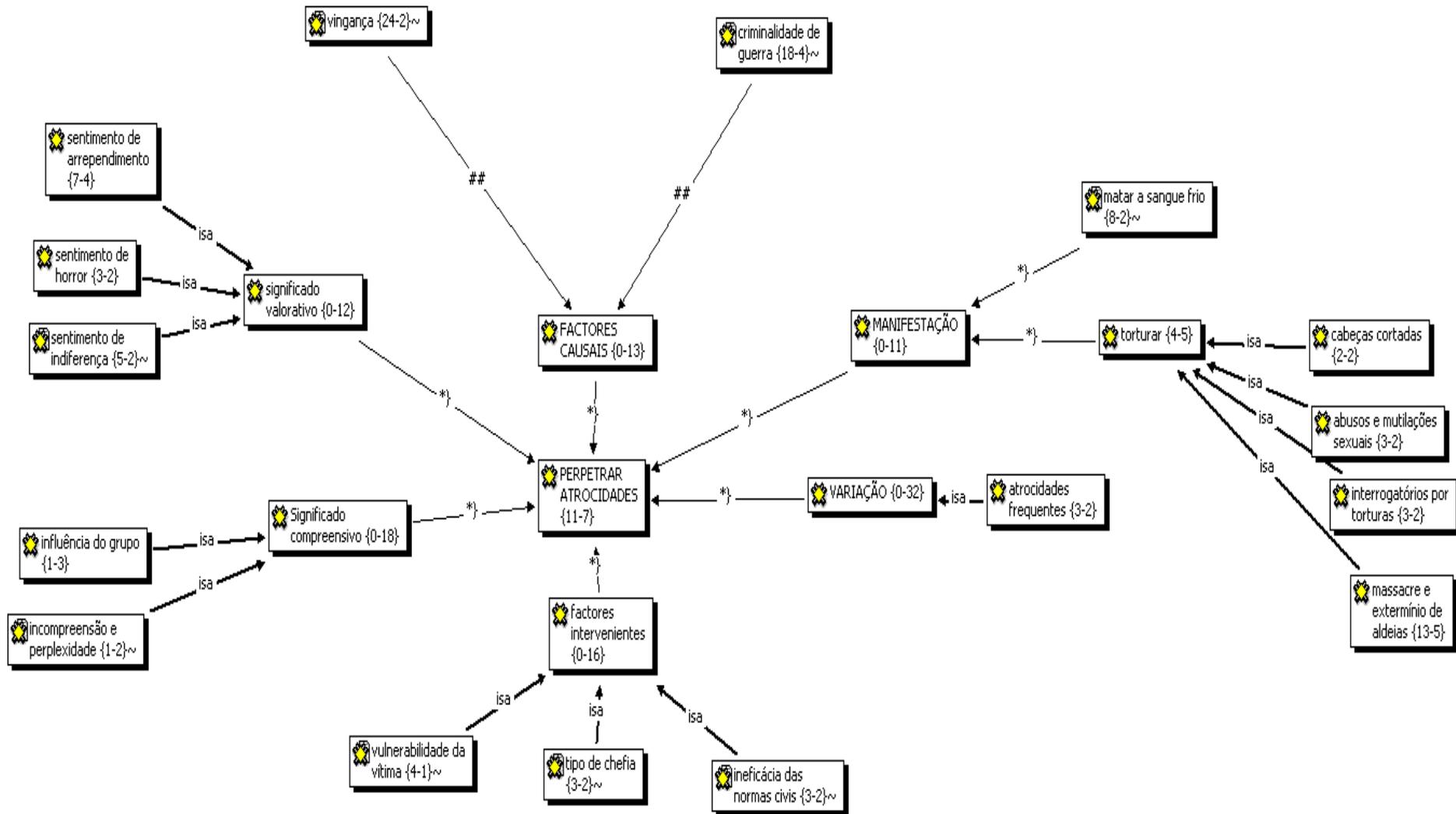


DIAGRAMA DA CATEGORIA SOFRER TRANSFORMAÇÃO- GRUPO PTSD- PERÍODO PÓS-MILITAR

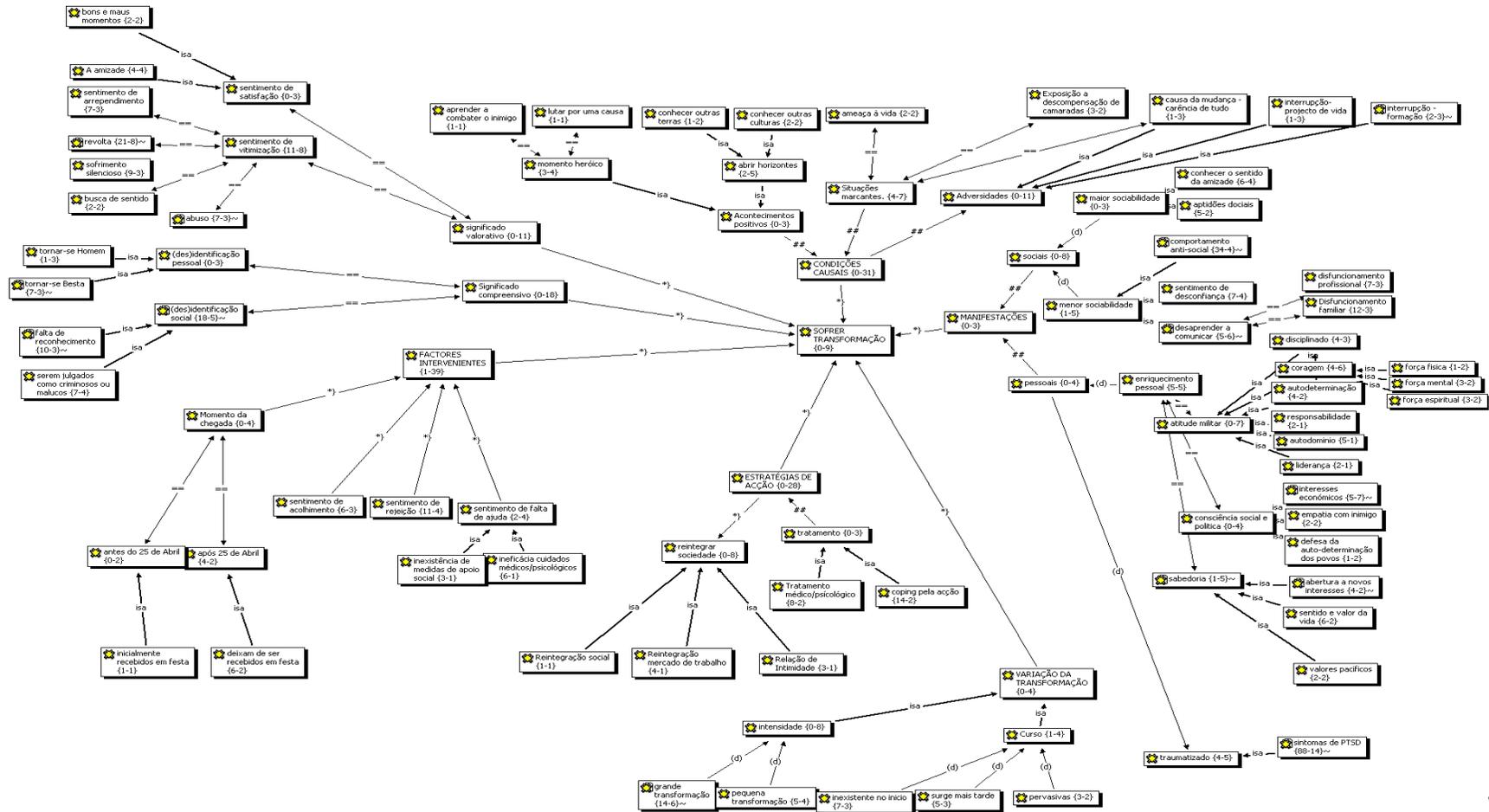
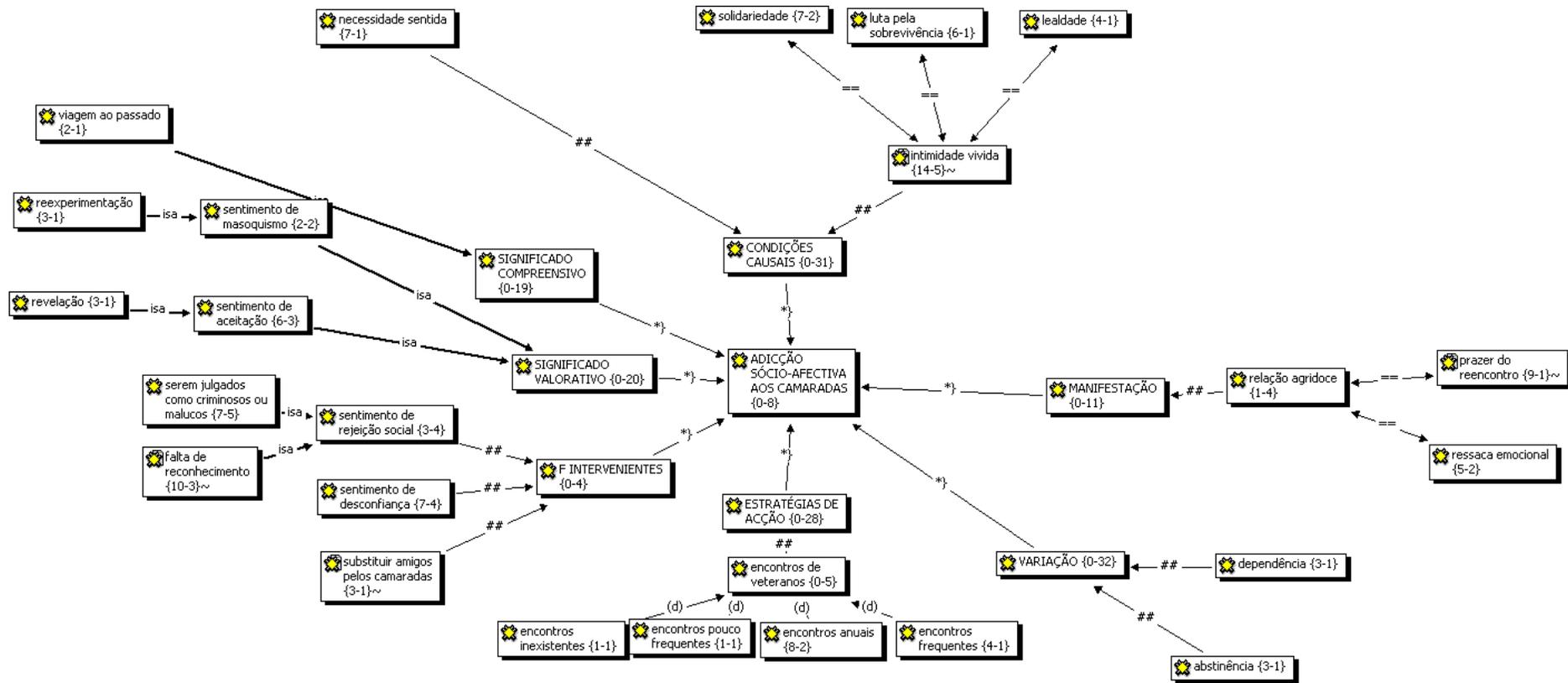


DIAGRAMA DA CATEGORIA ADICÇÃO SÓCIO-AFECTIVA AOS CAMARADAS GRUPO PTSD- PERÍODO PÓS-MILITAR



**DIAGRAMAS DAS CATEGORIAS
GRUPO ASSINTOMÁTICO**

DIAGRAMA DA CATEGORIA REMEDIAR PRIVAÇÕES – GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PRÉ-MILITAR

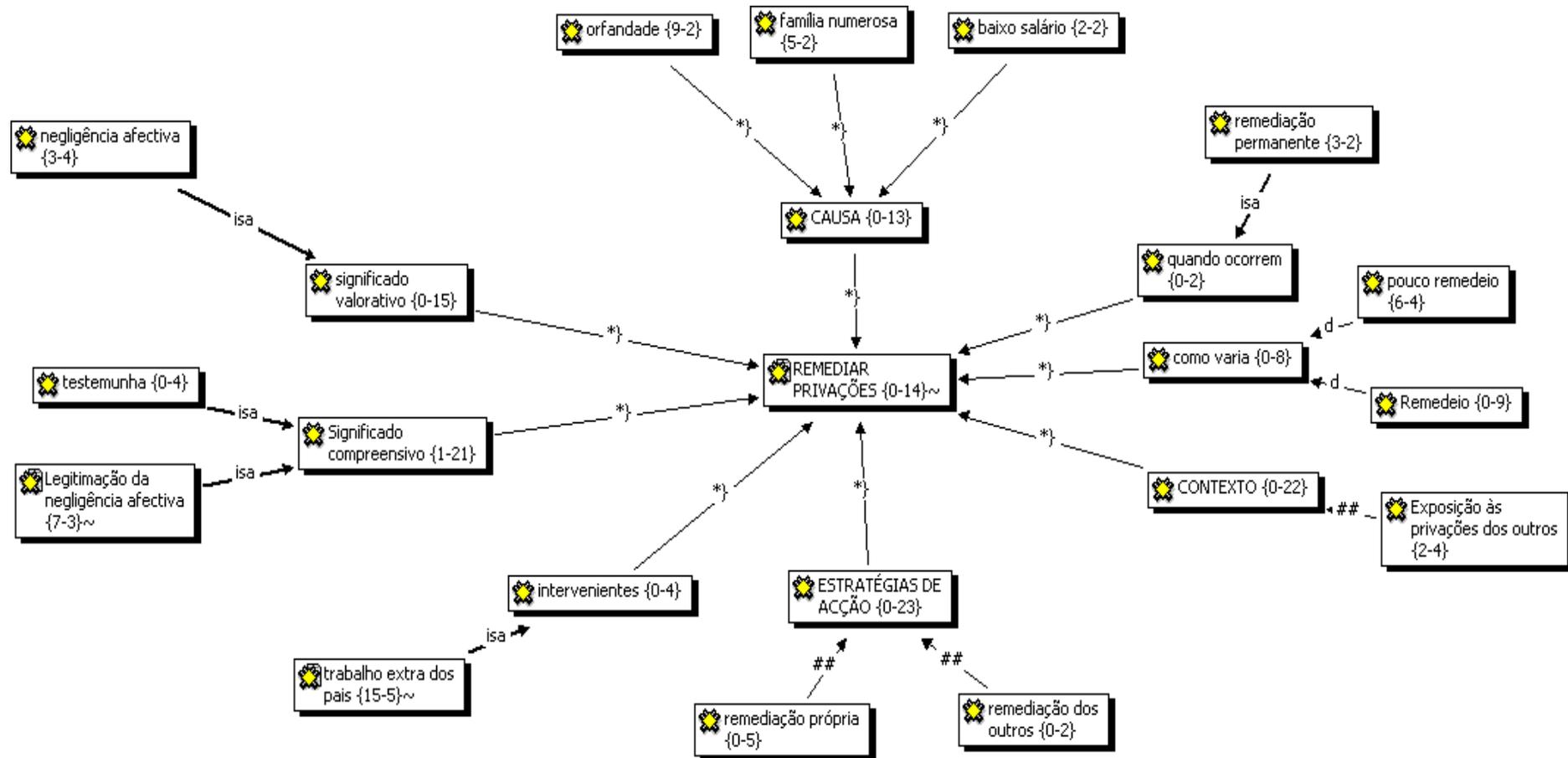


DIAGRAMA DA CATEGORIA SOFRER DISCIPLINAÇÃO – GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PRÉ-MILITAR

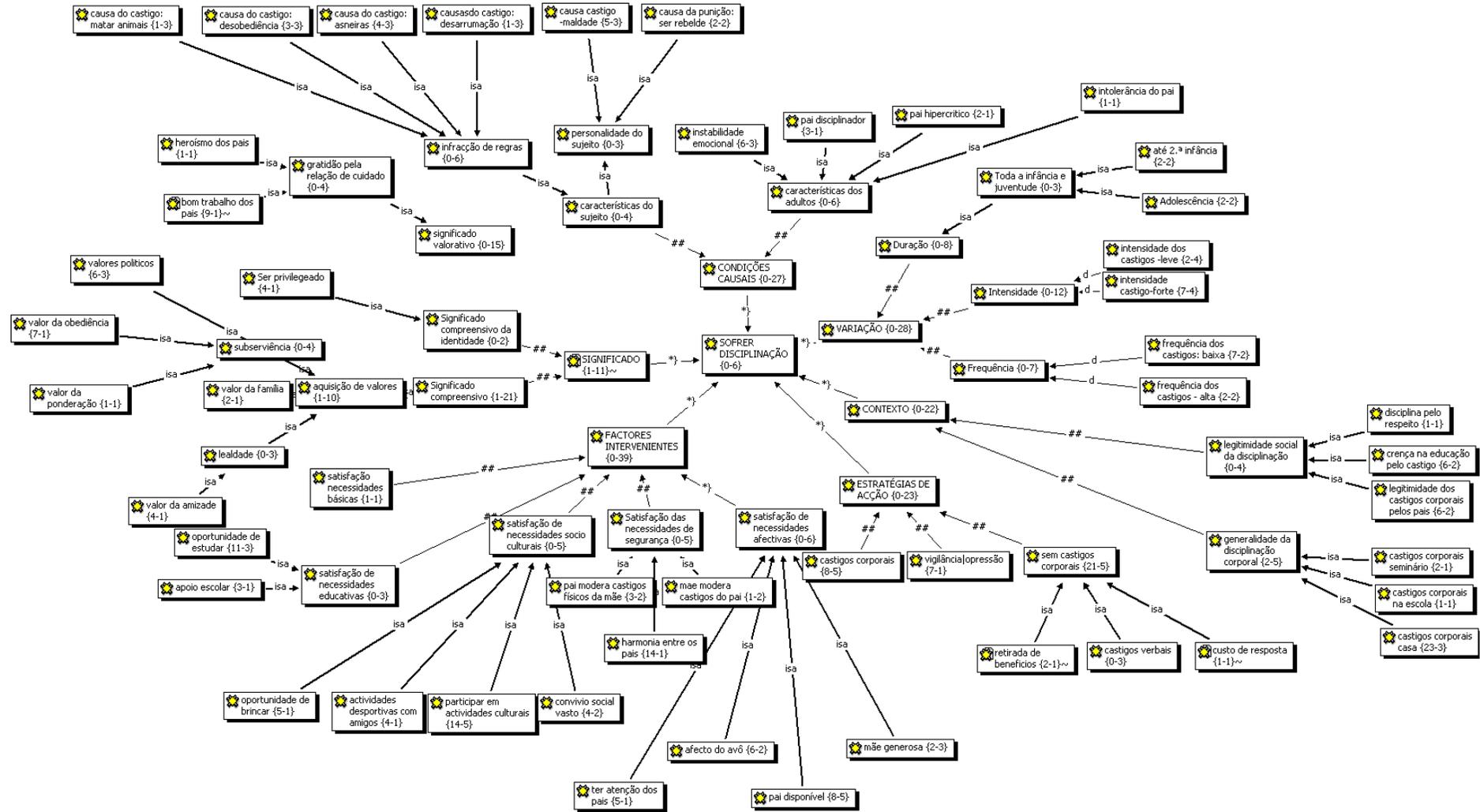


DIAGRAMA DA CATEGORIA RECEBER PREPARAÇÃO MILITAR – GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PÉRIMILITAR

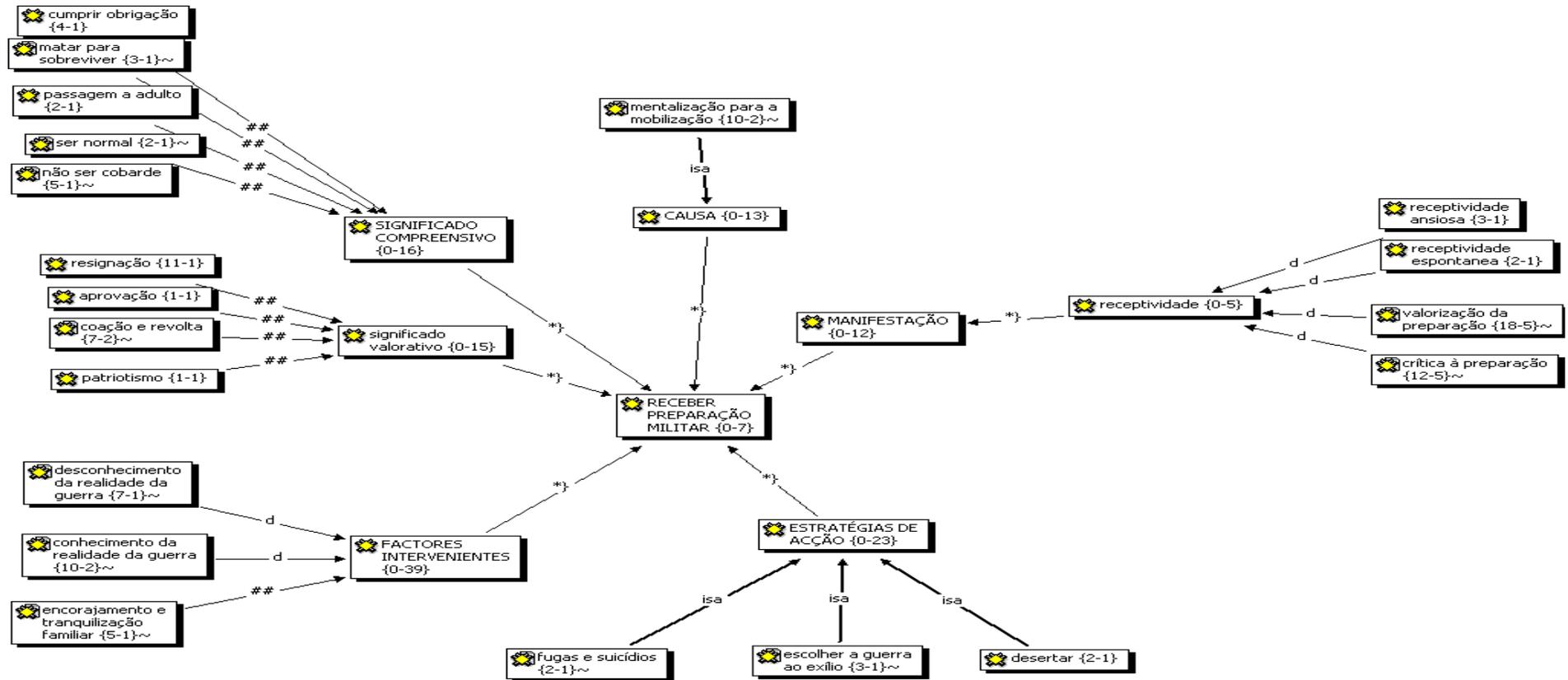


DIAGRAMA DA CATEGORIA CONFRONTO COM ATROCIDADES– GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PÉRIMILITAR

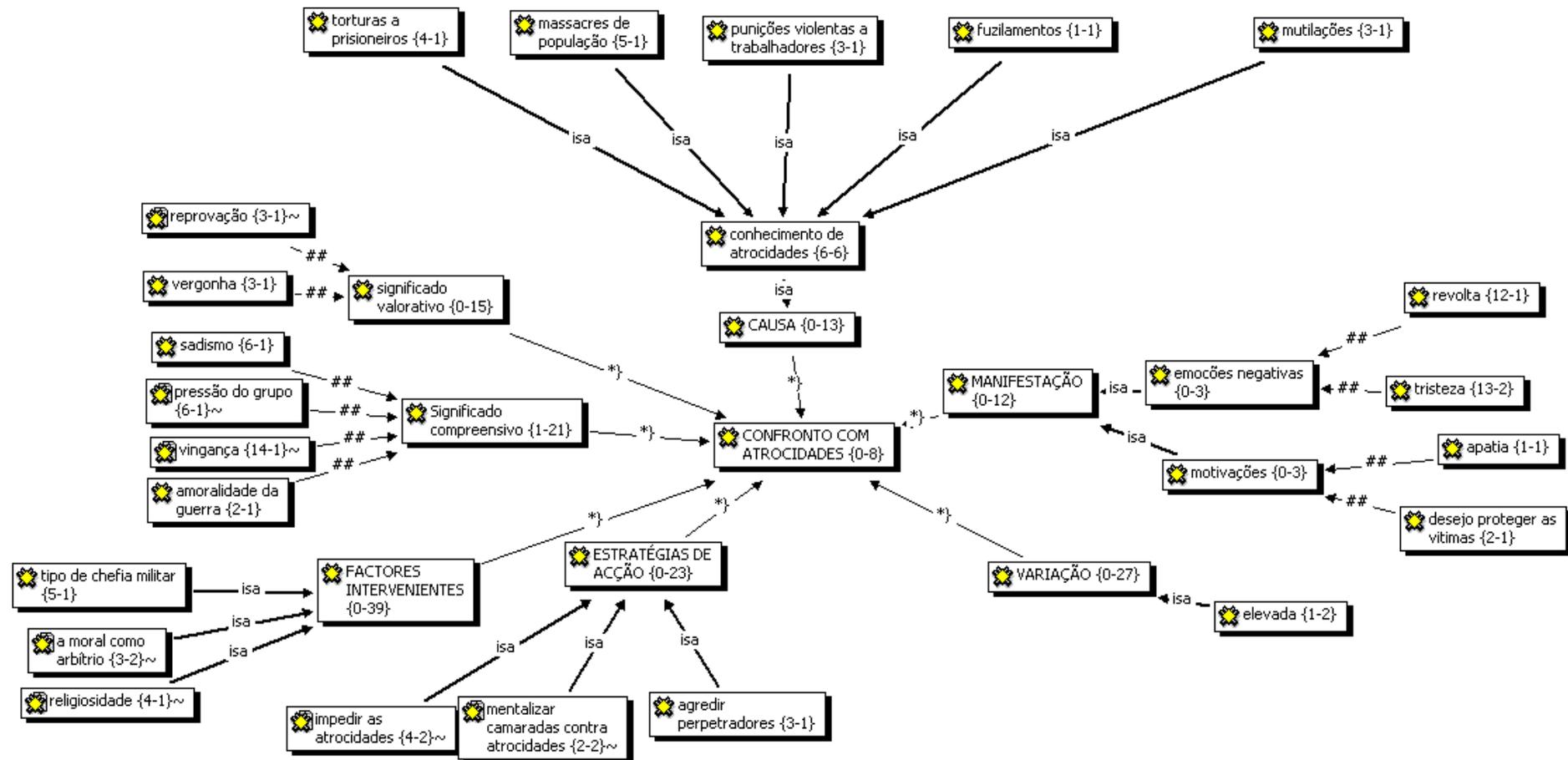


DIAGRAMA DA CATEGORIA METAMORFOSE PSÍQUICA- GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PÉRIMILITAR

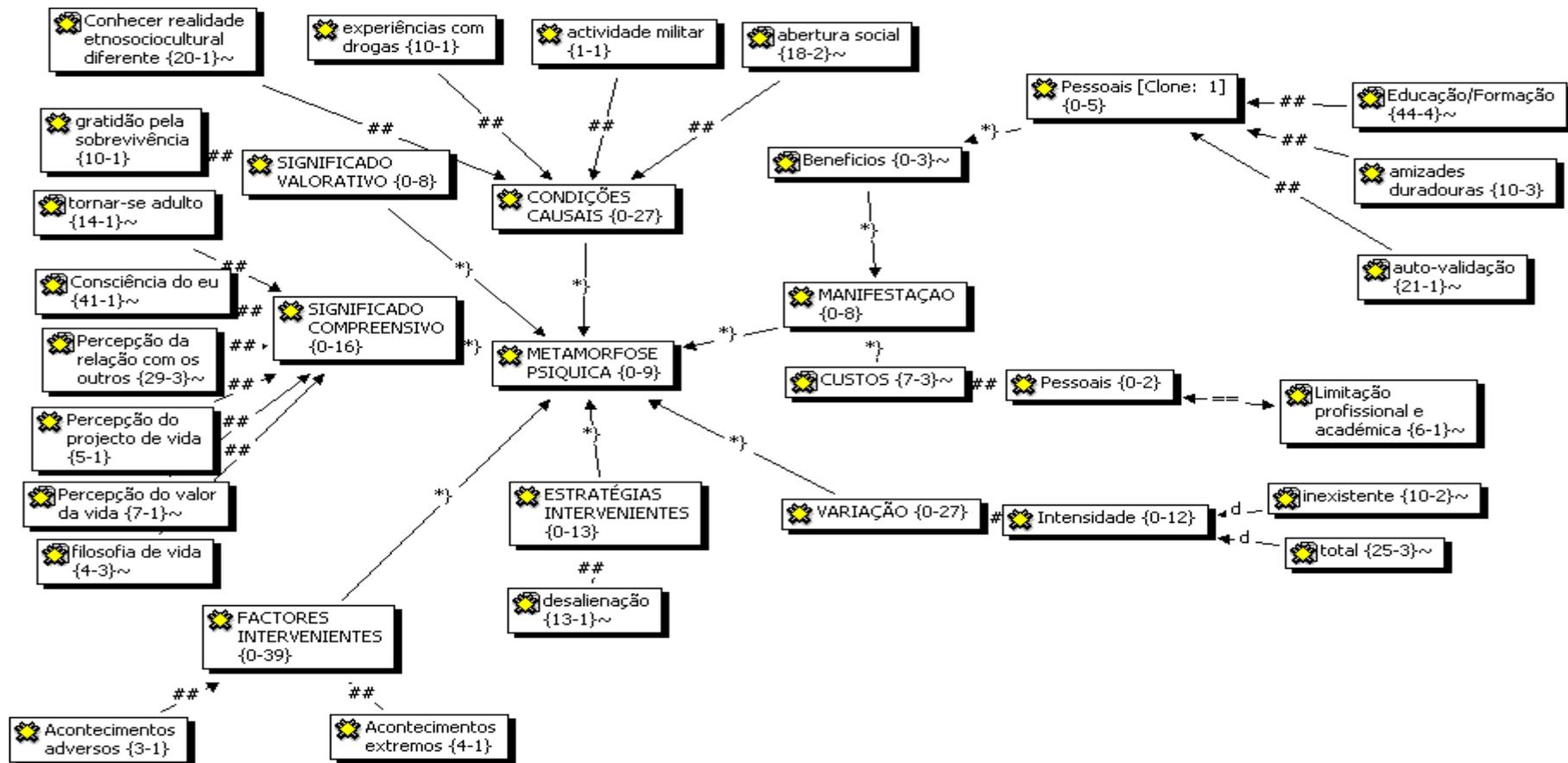


DIAGRAMA DA CATEGORIA CULTIVAR AMIZADES DE GUERRA– GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PÉRIMILITAR

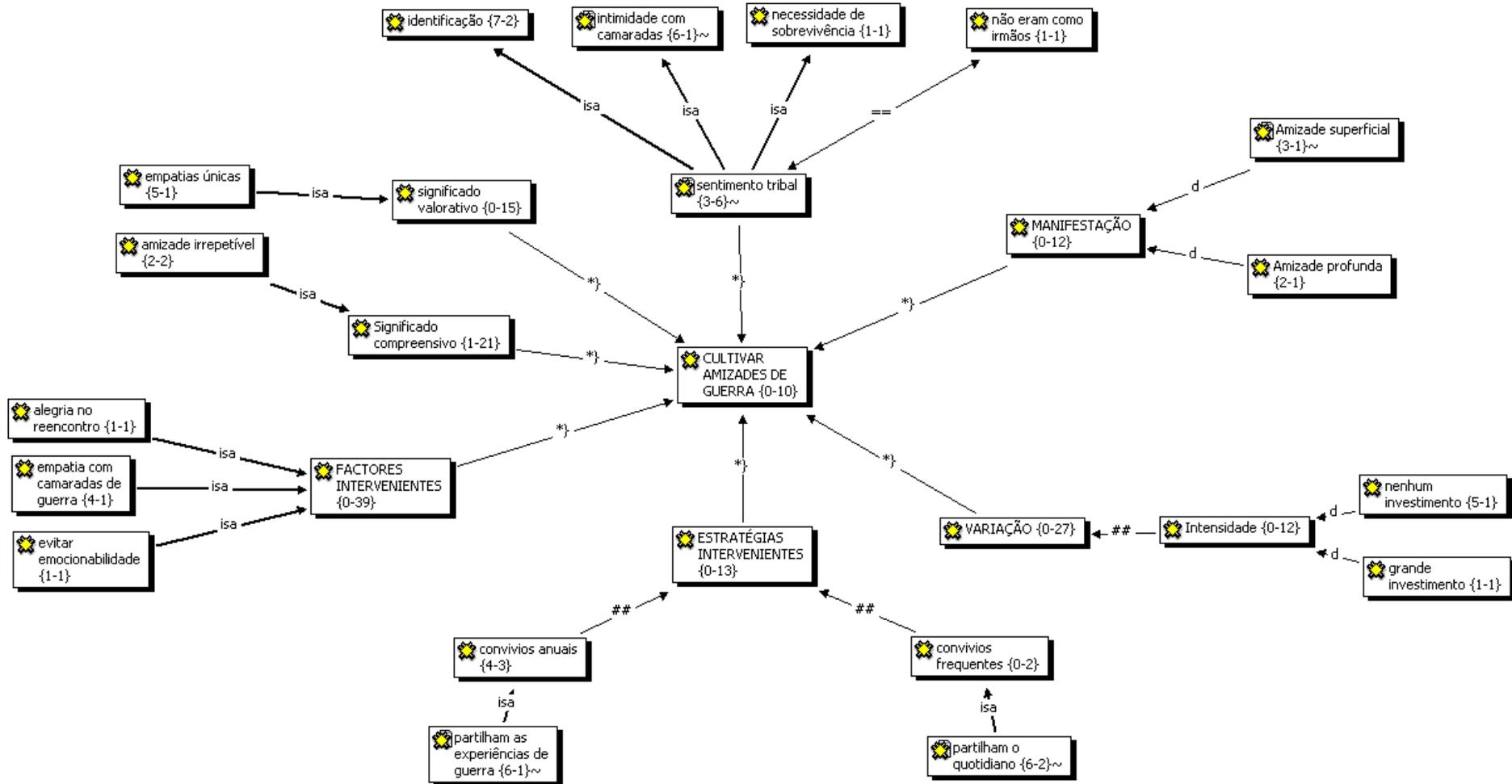


DIAGRAMA DA CATEGORIA (RE) INTEGRAÇÃO – GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PÉRIMILITAR

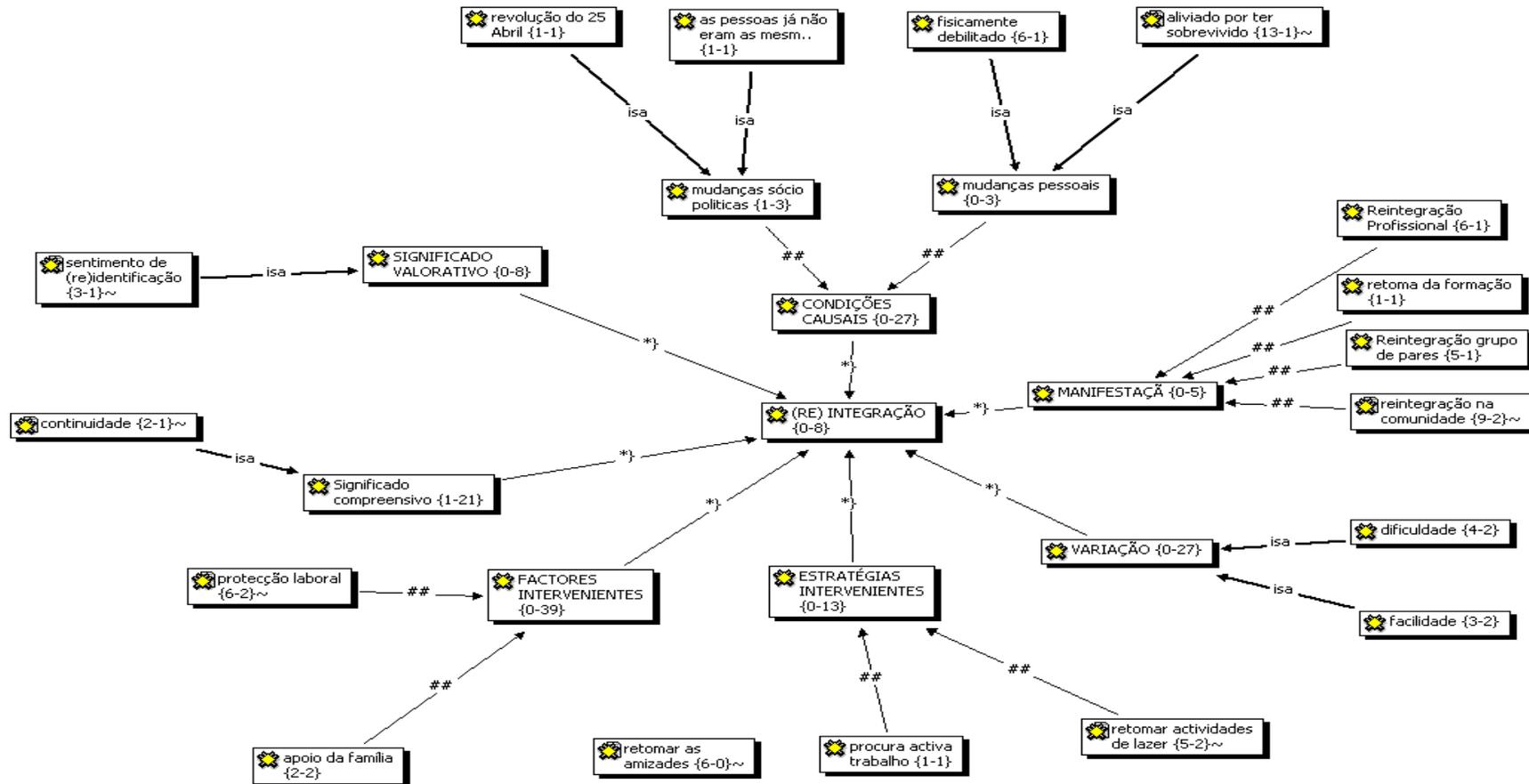


DIAGRAMA DA CATEGORIA DESACTIVAR MEMÓRIAS DE GUERRA – GRUPO ASSINTOMÁTICO – PERÍODO PÉRIMILITAR

